

LEONARDO MARTINS MAIOR

FRONTEIRA: UMA ANÁLISE RIZOMÁTICA DO FENÔMENO FRONTEIRIÇO

Dourados-MS

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Leonardo Martins Maior

FRONTEIRA: UMA ANÁLISE RIZOMÁTICA DO FENÔMENO FRONTEIRIÇO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Geografia, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira

Dourados-MS

2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

M224f Maior, Leonardo Martins
FRONTEIRA: UMA ANÁLISE RIZOMÁTICA DO FENÔMENO FRONTEIRIÇO [recurso eletrônico] / Leonardo Martins Maior. -- 2025.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Alexandre Bergamin Vieira.
Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2025.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Fronteira. 2. Identidade. 3. Alteridade. 4. Rizoma. 5. Lugar. I. Vieira, Alexandre Bergamin. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

FRONTEIRA: UMA ANÁLISE RIZOMÁTICA DO FENÔMENO FRONTEIRIÇO

Banca Examinadora

Prof. Dr. Alexandre Bergamin Vieira – PPGG-UFGD

(Orientador)

Prof. Dra. Norma Oviedo - Universidad Nacional de Misiones- Facultad de
Humanidades y Ciencias Sociales (Membro externo)

Prof. Dra. Claudia Vera da Silveira - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS) (Membro externo)

Dourados-MS
2025

DEDICATÓRIA

*Ao pequeno THÉO, que desde o ventre de sua
mãe, fez de meu ser uma morada de amor.*

AGRADECIMENTOS

Início os agradecimentos partindo de minha mãe, Eliane Cristina Pereira Martins, e minha vó, Francisca Pereira, as quais devo a esmerada criação, educação e formação inicial, ao longo de minha existência, através de desventuras e conquistas, pude perceber o quão agraciado eu fui, ao receber a dádiva de tê-las sempre ao meu lado, indubitavelmente representam um porto seguro em minha vida.

Expresso minha gratidão ao meu amigo, ele que se tornou ao longo desses anos um verdadeiro pai, mestre, na caminhada pela construção do conhecimento, meu orientador, o professor Alexandre Bergamin Vieira. No decorrer dessa construção, ele me ensinou, dentre tantas coisas, que o processo gnosiológico pode ser realizado através da extensão, no campo e também regado por bastante cerveja.

Ao meu ex-aluno e amigo Nathaniel de Oliveira Vianna, que me acompanhou na realização de alguns trabalhos de campo, contribuiu com minha pesquisa. A sua mãe, Célia Bernabe de Oliveira, que abriu as portas de sua casa, me hospedou, me acolheu nas inúmeras vezes que fui a Ponta Porã, tanto a pesquisa quanto para passeio, verdadeiramente me sinto tratado como um prefeito em sua casa.

Agradeço aos professores Geraldo Franco Fernandes e Sergio Larruscaim Mathias, que possibilitaram minha pesquisa na escola Ramiro Noronha, sempre muito solícitos, formidáveis gestores dessa escola, sou grato também pelos aprendizados que tive ao longo do período que lecionei na escola Noronha, um período muito feliz de minha vida.

Sou grato também aos meus colegas de trabalho, que tornaram-se meus amigos: Lucas, Laura, Diego, Gabriel, Mateus, Vítor e Paulo, que durante essa árdua caminhada do mestrado, sempre me motivaram, me alegraram, de maneira particular o Diego, que em sua função de chefe da divisão em que atuo na UFGD, sempre autorizou minha participação no Ensino, na Pesquisa e na Extensão.

RESUMO

Esta dissertação, intitulada “Fronteira: Uma Análise Rizomática do Fenômeno Fronteiriço”, investiga a relação entre lugar e identidade na região de fronteira entre Pedro Juan Caballero (Paraguai) e Ponta Porã (Brasil), questionando a noção de que a identidade nacional seja o único determinante da identidade individual. O estudo propõe que as características únicas das regiões fronteiriças favorecem o desenvolvimento de uma identidade fronteiriça distinta, marcada pela interseção e hibridização de culturas, histórias e experiências. A pesquisa adota uma abordagem rizomática, que permite compreender a fronteira como um espaço de multiplicidades, contradições e conexões não-hierárquicas. Além disso, articula conceitos da Geografia, Filosofia e História, como alteridade, lugar, espaço e fronteira biossocial, para analisar as dinâmicas de acolhimento e negação do Outro. A metodologia é multimodal, incluindo revisão bibliográfica, observação in loco, entrevistas qualitativas e questionários semiestruturados, aplicados entre 2023 e 2025. Os dados revelam que, apesar dos estereótipos negativos associados à fronteira (criminalidade, ilegalidade), o cotidiano é marcado por práticas de convivência, intercâmbio e construção de identidade. Conclui-se que, embora a fronteira seja palco de contradições e negações, ela também é um espaço de potencial alteridade, onde é possível vislumbrar a construção de uma comunidade baseada no reconhecimento mútuo e na interculturalidade. A educação desempenha um papel crucial nesse processo, funcionando como um vetor de transformação social e de superação de estereótipos. A pesquisa contribui para desconstruir visões superficiais e negativas sobre a fronteira, oferecendo uma análise complexa e multifacetada que valoriza as experiências cotidianas e as subjetividades dos sujeitos fronteiriços.

Palavras-chave: Fronteira; Identidade; Alteridade; Rizoma; Lugar.

ABSTRACT

This dissertation, entitled “Border: A Rhizomatic Analysis of the Border Phenomenon”, investigates the relationship between place and identity in the border region between Pedro Juan Caballero (Paraguay) and Ponta Porã (Brazil), questioning the notion that national identity is the sole determinant of individual identity. The study proposes that the unique characteristics of border regions foster the development of a distinct border identity, marked by the intersection and hybridization of cultures, histories, and experiences. The research adopts a rhizomatic approach, which allows for understanding the border as a space of multiplicities, contradictions, and non-hierarchical connections. Furthermore, it articulates concepts from Geography, Philosophy, and History, such as alterity, place, space, and biosocial border, to analyze the dynamics of welcoming and denying the Other. The methodology is multimodal, including literature review, on-site observation, qualitative interviews, and semi-structured questionnaires, applied between 2023 and 2025. The data reveal that, despite the negative stereotypes associated with the border (criminality, illegality), daily life is marked by practices of coexistence, exchange, and identity construction. It is concluded that, although the border is a stage for contradictions and denials, it is also a space of potential alterity, where the construction of a community based on mutual recognition and interculturality can be glimpsed. Education plays a crucial role in this process, functioning as a vector for social transformation and the overcoming of stereotypes. The research contributes to deconstructing superficial and negative views of the border, offering a complex and multifaceted analysis that values the everyday experiences and subjectivities of border subjects.

Keywords: Border; Identity; Alterity; Rhizome; Place.

RESUMEN

Esta disertación, titulada “Frontera: Un Análisis Rizomático del Fenómeno Fronterizo”, investiga la relación entre lugar e identidad en la región fronteriza entre Pedro Juan Caballero (Paraguay) y Ponta Porã (Brasil), cuestionando la noción de que la identidad nacional sea el único determinante de la identidad individual. El estudio propone que las características únicas de las regiones fronterizas favorecen el desarrollo de una identidad fronteriza distintiva, marcada por la intersección e hibridación de culturas, historias y experiencias. La investigación adopta un enfoque rizomático, que permite comprender la frontera como un espacio de multiplicidades, contradicciones y conexiones no jerárquicas. Además, articula conceptos de la Geografía, Filosofía e Historia, como alteridad, lugar, espacio y frontera biossocial, para analizar las dinámicas de acogida y negación del Otro. La metodología es multimodal e incluye revisión bibliográfica, observación in situ, entrevistas cualitativas y cuestionarios semiestructurados, aplicados entre 2023 y 2025. Los datos revelan que, a pesar de los estereotipos negativos asociados a la frontera (criminalidad, ilegalidad), la cotidianidad está marcada por prácticas de convivencia, intercambio y construcción de identidad. Se concluye que, aunque la frontera es escenario de contradicciones y negaciones, también es un espacio de potencial alteridad, donde es posible vislumbrar la construcción de una comunidad basada en el reconocimiento mutuo y la interculturalidad. La educación desempeña un papel crucial en este proceso, funcionando como un vector de transformación social y superación de estereotipos. La investigación contribuye a deconstruir visiones superficiales y negativas sobre la frontera, ofreciendo un análisis complejo y multifacético que valora las experiencias cotidianas y las subjetividades de los sujetos fronterizos.

Palabras clave: Frontera; Identidad; Alteridad; Rizoma; Lugar.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	XI
LISTA DE QUADROS	XII
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	XIII
APRESENTAÇÃO.....	14
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – FRONTEIRA: NO TEMPO E ESPAÇO	21
O ser-do-sido da fronteira.....	22
A facticidade da fronteira.....	33
CAPÍTULO II - FRONTEIRA: O LUGAR E A IDENTIDADE	39
Punta Porã (Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – MS).....	39
Lugar e identidade...fronteiriça?!	43
Duas compreensões do lugar fronteiriço	54
Uma identidade fronteiriça?.....	56
CAPÍTULO III - Fronteira: Entre a Negação e a Alteridade	61
Fronteira da Negação ou da Alteridade?	62
O Catalisador da Alteridade	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICE I	80
APÊNDICE II	81
Relação do grau de instrução dos entrevistados	81

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: MONUMENTO DA LAGUNA PUNTA PORÃ	23
FIGURA 2: DECRETO QUE ESTABELECE OS LIMITES TERRITORIAIS DO DEPARTAMENTO DE AMAMBAY	26
FIGURA 3: MONUMENTO NA ENTRADA DE PONTA PORÃ - BR.....	28
FIGURA 4: ERVATEIROS CARREGANDO O “RAÍDO” COM FOLHAS DE ERVA-MATE ...	30
FIGURA 5: ESTATUA REPRESENTANDO UM ERVATEIRO NO CENTRO DE CONVENÇÕES DE PONTA PORÃ – BR	30
FIGURA 6: FACHADA DE UMA LOJA EM PONTA PORÃ – BR NAS PROXIMIDADES DA LINHA INTERNACIONAL	32
FIGURA 7: ESTÁTUA DE PEDRO JUAN CABALLERO	34
FIGURA 8: LINHA (IMAGINÁRIA) INTERNACIONAL PONTA PORÃ-PEDRO JUAN CABALLERO	36
FIGURA 9: ACESSO AO SHOPPING CHINA.....	37
FIGURA 10: COMÉRCIO NA LINHA INTERNACIONAL ENTRE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO	37
FIGURA 11 PLACA DE EXECUÇÃO DE TRECHO DA OBRA DO PROGRAMA FRONTEIRA DO FUTURO	44
FIGURA 12: TRECHO DA OBRA DO PROGRAMA FRONTEIRA DO FUTURO	45
FIGURA 13: PARQUINHO INFANTIL NA REVITALIZADA LINHA INTERNACIONAL	45
FIGURA 14: AMBOS OS LADOS DO MONUMENTO NA LINHA INTERNACIONAL	47
FIGURA 15 BANDEIRAS DO PARAGUAI E DO BRASIL	50
FIGURA 16: RECEITA FEDERAL BRASILEIRA E ADUANA PARAGUAIA	51
FIGURA 17: GRAFISMO NO ENTORNO CENTRO ADMINISTRATIVO DE PEDRO JUAN CABALLERO	52
FIGURA 18: PAREDE AOS ARREDORES DA GOBERNACIÓN DE AMAMBAY	52
FIGURA 19: PAREDE NAS PROXIMIDADES DA GOBERNACIÓN DE AMAMBAY.....	53
FIGURA 20: ESTÁTUA EM HOMENAGEM AO MARISCAL FRANCISCO SOLANO LÓPEZ, AO LADO DA GOBERNACIÓN DE AMAMBAY.....	53
FIGURA 21: FACHADA DA CÂMARA MUNICIPAL DE PONTA PORÃ	59
FIGURA 22: LOGO DA ESCOLA ESTADUAL CORONEL RAMIRO NORONHA.....	67
FIGURA 23: ALUNAS DA E. E. CORONEL RAMIRO NORONHA NO DESFILE CÍVICO MILITAR DE 07 DE SETEMBRO DE 2022	68
FIGURA 24: ALUNOS DA E.E. RAMIRO NORONHA PORTANDO A BANDEIRA DA REPÚBLICA DO PARAGUAI NO DESFILE CÍVICO-MILITAR DE 07 DE SETEMBRO DE 2022	69
FIGURA 25: ESTACIONAMENTO DAS MOTOS DOS ALUNOS DENTRO DAS DEPENDÊNCIAS DA ESCOLA	70

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: AUTO IDENTIFICAÇÃO (2024)

58

SIGLAS E ABREVIATURAS

BR - Brasil

FONPLATA - Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INE - Instituto Nacional de Estadística

PAC - Plano de Aquisições e Construções

PY - Paraguai

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação analisa a relação entre lugar e identidade, com foco na região de fronteira entre o Paraguai (PY) e o Brasil (BR), especificamente nas cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR). Busca-se desafiar a noção de que a identidade nacional é o único determinante do senso de identidade individual, argumentando que as características únicas das regiões de fronteira promovem o desenvolvimento de uma identidade fronteiriça distinta.

Ao examinar os fatores geográficos, históricos e culturais que moldam esse lugar, o estudo revela como a fronteira se apresenta como um espaço onde diversas identidades se cruzam e se misturam. Criticar-se-á os estereótipos negativos frequentemente associados a regiões de fronteira, como crime e ilegalidade, e enfatizaremos, em vez disso, as experiências cotidianas e as conexões que unem as pessoas. Através de uma análise das dinâmicas sociais, econômicas e culturais da região, a dissertação demonstra como a identidade fronteiriça é moldada por uma complexa interação de fatores nacionais, locais e pessoais.

Possibilitar-se-á concluir que, ao compreender as nuances das identidades fronteiriças, podemos promover maior compreensão intercultural e cooperação. Perscrutar a realidade fronteiriça necessita de uma vasta constelação conceitual para uma profícua investigação.

O presente trabalho busca apresentar alguns conceitos que possibilitem tal intento, a saber: rizoma, alteridade, tempo, oriundos da filosofia, além de território, lugar, espaço, fronteira, *mui* caros a Ciência Geográfica. Além da revisão de literatura, que visa estabelecer uma confiável base bibliográfica, servir-se-á de entrevistas e apresentação de imagens, no intuito de buscar fazer tais dimensões dialogarem.

A cinemática fronteiriça é permeada por contradições, as quais são reveladoras das próprias dinâmicas do fenômeno aqui analisado, proporcionam diferentes perspectivas do mesmo fenômeno, que enriquecem a investigação científica e oferecem compreensões mais amplas e reveladoras da questão em análise. Utilizar-se-á como recorte empírico dessa investigação as cidades de Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR. No intuito de estabelecer um lugar da alteridade, um catalisador das relações de acolhimento e hospitalidade, será

observada a Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha, na qual atuei como professor, que acolhe inúmeros alunos provenientes do Paraguai, sendo brasileiros residentes no país vizinho, paraguaios residentes no Brasil ou mesmo paraguaios residentes no Paraguai.

Faz-se mister salientar o fato do presente texto ser oriundo do encontro do autor com a gênese de sua família, pois esse é neto de Francisca Pereira, avó materna, paraguaia nascida na região de Pedro Juan Caballero. O pesquisador passou boa parte de sua infância sendo educado, ouvindo histórias que ela lhe contava, relatos, muitos desses a respeito do Paraguai.

Destarte, o autor ao ir residir no município de Ponta Porã – BR no ano de 2022, se depara com a manifestação de inúmeros elementos que até então existia apenas em sua imaginação, idealizados a partir do convívio com sua avó. Tal contato com a fronteira, e suas múltiplas nuances, foi um verdadeiro encontro com aspectos presentes, constituintes do ser do autor.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação está estruturada em três capítulos, a saber: Fronteira: No Tempo e Espaço; Fronteira: O Lugar e a Identidade; Fronteira: Entre a Negação e a Alteridade. Os quais, embora em um primeiro momento, possam parecer abordagens distantes uma da outra, são na verdade uma análise do fenômeno fronteiro pelo prisma rizomático, na perspectiva destacada por Deleuze e Guattari (1995).

O primeiro capítulo, Fronteira: No Tempo e Espaço, é fruto de um levantamento bibliográfico a respeito da formação histórica do que atualmente pode-se entender como a conurbação entre Ponta Porã – BR e Pedro Juan Caballero – PY, de que maneira o espaço foi sendo produzido até se chegar à contemporaneidade, ou seja, como o fenômeno fronteiro se relacionou, se relaciona e quiçá se relacionará com o tempo.

O capítulo dois, intitulado Fronteira: o Lugar e a Identidade, é um verdadeiro olhar para essa fronteira, através do conceito de Lugar, o qual leva a indagar se se trata de um lugar, que abarca a conurbação, seria então possível a epifania de uma identidade fronteira? Quais aspectos aproximam e afastam as gentes que lá residem? Há uma relação entre a gênese, as características físicas desse lugar com a cinemática fronteira?

Em Fronteira: Entre a Negação e a Alteridade, que é o terceiro capítulo, analisar-se-á as dinâmicas de acolhimento e negação entre as pessoas imersas na realidade da fronteira, ou seja, é possível conjecturar, contemplar uma fronteira da alteridade? Nesse diapasão se serviu de uma escola situada próxima da linha internacional, a Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha, a qual tem como público alunos brasileiros e paraguaios residentes tanto no Paraguai quanto no Brasil.

Os capítulos supracitados são uma tentativa de melhor compreender o fenômeno fronteiro e a fronteira, para além da perspectiva de borda ou periferia oriunda do olhar dos poderes centrais nacionais e também da população em geral, que a entende, principalmente, como lugar do crime, da violência, basta observar os principais veículos de comunicação, conforme se lê:

Como argumentado por diversos autores, os meios de comunicação locais frequentemente restringem sua cobertura da fronteira a temas como tráfico,

contrabando, falsificação e crimes violentos, reforçando uma representação do território como um espaço de insegurança e ilegalidade. Essa narrativa contribui para a construção de um imaginário coletivo que reduz a complexidade da dinâmica fronteiriça a um cenário de risco e perigo (Araújo *et al.*, 2025, p.357)

Logo, apesar das contradições que permeiam as páginas que se seguem, o que a fronteira entre o Paraguai e o Brasil, representada pelos municípios de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, tem a nos ensinar, o que revela do encontro genuíno entre o Mesmo e o Outro (na esteira levinasiana pode-se entender o Mesmo como o conhecido, familiar, controlável e o Outro como o diferente, irreduzível ao Mesmo)?

Este estudo adotou uma abordagem metodológica multimodal, articulando as seguintes técnicas de investigação: Revisão bibliográfica: para fundamentar teoricamente a pesquisa e contextualizar o fenômeno investigado. Observação in loco: realização de cinco trabalhos de campo de observação e vivência entre 2023 e 2025. Entrevistas qualitativas: foram conduzidas quinze entrevistas com participantes residentes no Brasil e no Paraguai, incluindo tanto naturais da região estudada quanto indivíduos de outras localidades ("forasteiros"). Para garantir o anonimato, utilizam-se nomes fictícios. Questionários semiestruturados: foram aplicados vinte e cinco questionários em 2024 a um grupo diversificado de atores sociais, incluindo transeuntes, comerciantes e moradores da localidade. A articulação desses métodos permitiu uma compreensão abrangente e multidimensional do objeto de estudo. A análise que se segue sintetiza os resultados dessa triangulação de dados.

Analisar o fenômeno fronteiriço implica, necessariamente, saber caminhar pela magnífica constelação conceitual, que além de proporcionar diferentes perspectivas a respeito da realidade, impele o ser humano em uma jornada genuinamente humana, de encontro com o Outro e consigo Mesmo, e de construção, ao menos relacional, de pontes e, conseqüentemente, à crítica aos muros.

O cotidiano fronteiriço é permeado por contradições, ora lugar da alteridade ora como lócus da exclusão, acolhimento do Outro ou sua negação, situações *mui* distintas do observado simplesmente pela ótica dos meios de informação e comunicação, que a seu turno destacam em primazia fatos trágicos que ocorrem na fronteira, obscurecendo e até invisibilizando os sinais epifânicos da alteridade.

Faisting (2018) revela que os aspectos privilegiados pela imprensa quando da análise dos espaços fronteiriços são: contrabando de mercadorias e de armas, narcotráfico, exploração de recursos naturais, populações camponesas e indígenas, segurança, defesa, controle, dominação e hegemonia nas fronteiras.

Este trabalho tem como objetivo geral realizar uma análise rizomática do fenômeno fronteiriço na conurbação entre Pedro Juan Caballero - PY e Ponta Porã-BR, investigando de que maneira as dimensões geográficas, históricas e culturais cruzam-se na construção de uma identidade fronteiriça singular, marcada tanto por processos de alteridade quanto por mecanismos de negação, de modo a oferecer subsídios para práticas de compreensão intercultural e cooperação transfronteiriça.

Perceber o sublime no banal, na simplicidade do dia a dia das gentes, torna-se possível utilizando os conceitos adequados. À luz desses majestosos astros, pode-se perceber as maravilhas do singelo. Logo, torna-se imperativo enunciá-los, no intuito de estabelecer o “Sul” dessa empreitada, este debruçar-se sobre a terra da fronteira, um lugar semelhante a “Terra Santa” ou como o “Sheol¹”, tanto para quem investiga o fenômeno fronteiriço como para quem está inserido nessa cinemática, ou seja, nos movimentos, independentemente da origem, do país.

Os astros conceituais (na esteira da filosofia deleuziana, a filosofia tem a função da criação de uma constelação conceitual), que suleirão essa investigação são, a saber: o conceito de fronteira em Claude Raffestin, como biossocial, no intuito de extrapolar o entendimento do fenômeno fronteiriço apenas sob a ótica de limite do Estado, ou ainda como frente pioneira, consequentemente compreendê-la através de diferentes perspectivas, que abranjam o geográfico, o social e o biológico. Nas palavras de Raffestin:

(...) mais do que um fato geográfico e um fato social, a fronteira é um fato biológico incrustado no hipotálamo. Espaço-temporal, a fronteira é também bio-social: ela delimita um “para cá” e outro “para lá”, um “antes” e um “depois”, com um limite marcado e uma área de segurança (Raffestin, 2005, p. 11).

¹ Segundo a tradição judaica, o lugar para onde se dirigiam os mortos, sepultura, submundo.

Utilizar-se-á a ideia de rizoma em Deleuze e Guattari (1995), na tentativa de compreender as contradições oriundas de um só fenômeno; de outro modo, a heterogeneidade e a multiplicidade provenientes de um só “caule”, a fronteira. Manifestações dissemelhantes de um mesmo fato, como a alteridade e a exclusão, mesmo que antagônicas, coexistem no cotidiano fronteiriço.

A alteridade em Levinas (1980), compreendida como relação entre o Mesmo e o Outro, na qual esse é acolhido e hospedado por aquele e, simultaneamente, quem acolhe é acolhido pelo Outro, num mútuo acolher. Ao observar as relações entre os pedrojuaninos e os ponta-poranenses, estabelecer quem acolhe e quem é recebido confunde-se, pode-se também pensar o território limítrofe como o lugar de encontro com o Outro por excelência:

Abordar Outrem no discurso é acolher a sua expressão onde ele ultrapassa em cada instante a ideia que dele tiraria um pensamento. É, pois, receber de Outrem para além da capacidade do Eu; o que significa exatamente: ter a ideia do infinito. (Levinas, 1980, p. 38)

Na tentativa de perscrutar a dinâmica da alteridade no contexto fronteiriço de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, observar-se-á a Escola Estadual Ramiro Noronha, a qual dista, aproximadamente, 100 metros da linha internacional entre o Paraguai e o Brasil, que a seu turno atende inúmeros alunos que residem em território paraguaio. Optou-se em realizar uma análise mais restrita à comunidade escolar, no sentido de entendê-la como um catalizador das dinâmicas sociais, através da perspectiva de professor dessa instituição.

Nesse diapasão, faz-se mister trazer à baila Gallo (2008), mais precisamente suas ideias de educação maior e educação menor, no intuito de analisar como essas dimensões contribuem, ou não, para uma genuína escola de fronteira, a qual verdadeiramente atenda aos anseios e necessidades dos sujeitos fronteiriços, independentemente de qual lado da divisa residam, bem como se se proporciona terreno propício para o florescer intercultural. Gallo assim define essas duas educações: “Se a educação maior é produzida na macropolítica, nos gabinetes, expressa nos documentos, a educação menor está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um” (Gallo, 2008, p. 65).

Embora seja um trabalho para o mestrado em Geografia, buscou-se nessa empreitada uma abordagem multidisciplinar, congregando principalmente a Geografia, a História e também a Filosofia, seguindo a esteira da provocação de Milton Santos (2006):

Quanto à interpretação da atualidade, sabemos, também, que, nestes tempos acelerados, o tropel dos eventos desmente verdades estabelecidas e desmancha o saber. Mas a moda avassaladora das citações frescas não pode eliminar os debates inspirados em ideias filosóficas cuja lição não é circunstancial. (Santos, 2006, p.9)

CAPÍTULO I – FRONTEIRA: NO TEMPO E ESPAÇO

Conforme o título, buscar-se-á refletir o fenômeno fronteiro pelo prisma do Espaço-tempo, observando os sistemas de ações e objetos (Santos, 2006) e os sujeitos, que permeiam esse recorte empírico, em suas múltiplas temporalidades. Surgem assim as seguintes indagações: Como esse espaço fronteiro foi produzido (um olhar histórico)? Como é produzido? Qual fronteira é possível vislumbrar no horizonte do tempo?

Nessa empreitada serão utilizadas como ferramentas conceituais suleadoras, o Espaço em Santos (2006) e a ideia de palimpsesto em Doreen Massey (2008), uma vez que o espaço fronteiro, recortado nessa investigação, apresenta uma vastidão de combinações e contradições em sua atual produção espacial, sendo necessário analisar o passado, fitando o amanhã.

Assim sendo, a reflexão proposta, intentará perscrutar como se deu o arranjo desses sistemas, oriundos da produção espacial, onde atualmente estão localizados os municípios de Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR, no passado, culminando com a contemporaneidade, e finalmente, o que a síntese desses pensamentos possibilitam vislumbrar no horizonte fronteiro?

“O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. (Santos, 2006, p.39).

Para a investigação sobre o passado dessa produção, utilizou-se uma revisão bibliográfica, privilegiando a perspectiva pedrojuanina, devido ao fato de, dentre os povos que já ocuparam essa porção territorial, serem os mais antigos com registros documentais. Seguindo a esteira de Massey (2008), observou-se também os vários símbolos dispostos pelo espaço, sendo eles: pinturas em muros, estátuas de “heróis” do passado, os nomes das ruas, em síntese, as mais variadas marcas incrustadas no espaço que permitem rememorar o passado, ou, através de uma “temporalidade originária” (Heidegger, 2012), o ser-do-sido. Haja visto que:

Para que o espaço possa aspirar a ser um ente analítico independente, dentro do conjunto das ciências sociais, é indispensável que conceitos e instrumentos de análise apareçam dotados de condições de coerência e de operacionalidade. Assim ao mesmo tempo demonstramos sua indispensabilidade e legitimamos o objeto de estudo. (Santos, 2006, p.11)

Inicialmente, é imperativo destacar, que através da perspectiva adotada no intuito de perscrutar o fenômeno fronteiriço, em particular nesse primeiro capítulo, que é uma análise ontológica, visando abarcar o ser da fronteira, imerso, plasmado, no tempo e espaço. Embora aqui tenha-se optado pela fragmentação da análise em três momentos, a saber: o ser-do-sido da fronteira, a facticidade da fronteira, o projeto da fronteira, o que de fato nos interessa é a cotidianidade, todavia, para isso é fundamental a compreensão da constituição ontológica dessa, a qual perpassa pela temporalidade originária pois

Os conceitos de “futuro”, “passado” e “presente” nasceram do imediato do entendimento impróprio do tempo. A delimitação terminológica dos correspondentes fenômenos originários e próprios luta com a mesma dificuldade a que permanece presa toda terminologia ontológica. Nesse campo-de-investigação violências não são arbitrárias, mas uma necessidade fundamentada em coisa. Para poder mostrar, no entanto, sem falhas, a origem da temporalidade imprópria a partir da temporalidade originária e própria, é preciso proceder em primeiro lugar a uma elaboração concreta do fenômeno originário, que até agora só foi, todavia, toscamente caracterizado. [...] A unidade originária da estrutura-da-preocupação reside na temporalidade. (Heidegger, 2012, p. 889-891)

O ser-do-sido da fronteira

Ao investigar esse elemento ontológico da fronteira, três elementos aparecem em maior destaque: Punta Porã como uma *paraje*, o extrativismo da Erva-Mate e a Guerra da Tríplice Aliança, as linhas que se seguem intentaram na reflexão dessa tríade que possibilitam uma melhor compreensão da cotidianidade.

No que tange a cronologia dos fatos, servir-se-á da “breve cronologia de Pedro Juan Caballero” em Goiris (1999), a qual aponta, segundo os elementos realçados nessa investigação, 1862 como o ano que surge pela primeira vez a designação de Punta Porã, ao lugar aqui analisado; 1864 é marcado pela chegada do exército paraguaio a Punta Porã, para depois avançar sobre territórios brasileiros; Em 1870 ocorreu a chegada do mariscal Francisco Solano Lopes em Punta Porã, nesse mesmo

ano foi morto em Cerro Corá, durante a batalha final da Guerra da Tríplice Aliança; 1872 é marcado pelo Tratado Loizaga-Cotegipe, no qual o Paraguai perdeu parte de seu território para o Brasil; Em 1883 Thomaz Laranjeira inicia os empreendimentos para a exploração e comercialização da erva-mate em Mato Grosso, nas proximidades, limítrofe de Punta Porã; 1873 tem como marco o nascimento da Paraje Punta Porã, através da fundação de um pequeno comércio, na localidade, por Pablino Ramírez; Em 1901 Punta Porã passa a ser denominada Pedro Juan Caballero e finalmente em 1945 torna-se a capital do Departamento de Amambay. Elementos que simbolizam os eventos supracitados podem ser observados no monumento localizado na Laguna Punta Porã em Pedro Juan Caballero conforme a figura 1.

Figura 1: Monumento da Laguna Punta Porã



Fonte: Maior (2025)

O *paraje* Punta Porã tornou-se conhecido em seu tempo, principalmente no século XIX, pela exuberância de sua paisagem, favorecida pelas características do relevo e pela flora, elementos que levam Benitez (2019) a compará-lo ao jardim do Éden como pode-se ler em:

En los días de hoy la imagen aún impresiona, pero sin dudas su impacto visual había sido mayor em el siglo XIX y principios del XX, cuando la ascensión era más costosa y la vegetación brindaba al viajero uma escena idílica, donde la sensación del Edén conquistado tras vencer la terrible Picada del Chirigüelo, era como um premio para el alma, ya que las pupilas se deleitaban com un agradable cuadro natural. (Benítez, 2019, p.16)

Na obra Mosaico Nordeste de Apolonio Jiménez Benítez (2008), aparece também outra referência a essa paisagem idílica, além de dinâmicas que ocasionaram o surgimento de um povoado nesse lugar:

Con la carreta tropa de aquí, a veces, se reunían unas cien, más o menos desde luego que el lugar era muy lindo, muy acogedor; y hacían la delicia del lugar. De aquí su nombre de Paraje “Punta Porá”. Luego de un descanso reparador, de hombres y animales, las “Carretas Mineras” volvían a desandar el camino andado, cargadas de mercaderías de primera necesidad, especialmente sal, perfumes, vinos y licores, importados directamente por los comerciantes concepcioneros, de España, Francia, Inglaterra, etc., etc., que las “Carretas Tropa”, de este lugar, a la vuelta de su ida com yerbas de la región traían a “Punta Porá”. (Benítez, 2008, p.32)

Y fue así que, el Paraje “Punta Porá”, se constituyó em un centro de abastecimiento importante para todo el Mato Grosso brasileño. Su núcleo poblacional fue creciendo y afincándose en el lugar, para originar, como Adán a Eva, su hermana y vecina “Ponta Porã”, Matto Grosso, Brasil. (Benítez, 2008, p.32)

Destarte, é possível perceber que, em sua origem, Ponta Porã, possui uma série de características que causam uma atração de pessoas, além da paisagem, o elemento econômico surge, no que se refere a parada dos carros de bois, carregados com mercadorias importadas e itens de “primeira necessidade”. Logo o elemento “encontro” também está presente em sua gênese, uma vez que diferentes viajantes, de variadas origens, encontravam-se com os moradores do povoado que foi plasmando-se. A localização geopolítica, lugar estratégico, tanto para o Paraguai quanto para o Brasil já é notável desde os primórdios de sua formação. Aliás um dado significativo que levou ao seu surgimento, dado mais tarde corroborado pela criação do território federal de Ponta Porã como se lê no parágrafo 4º do artigo 1º do Decreto-Lei nº: 5.812, de 13 de setembro de 1943, decretado pelo então presidente Getúlio Vargas:

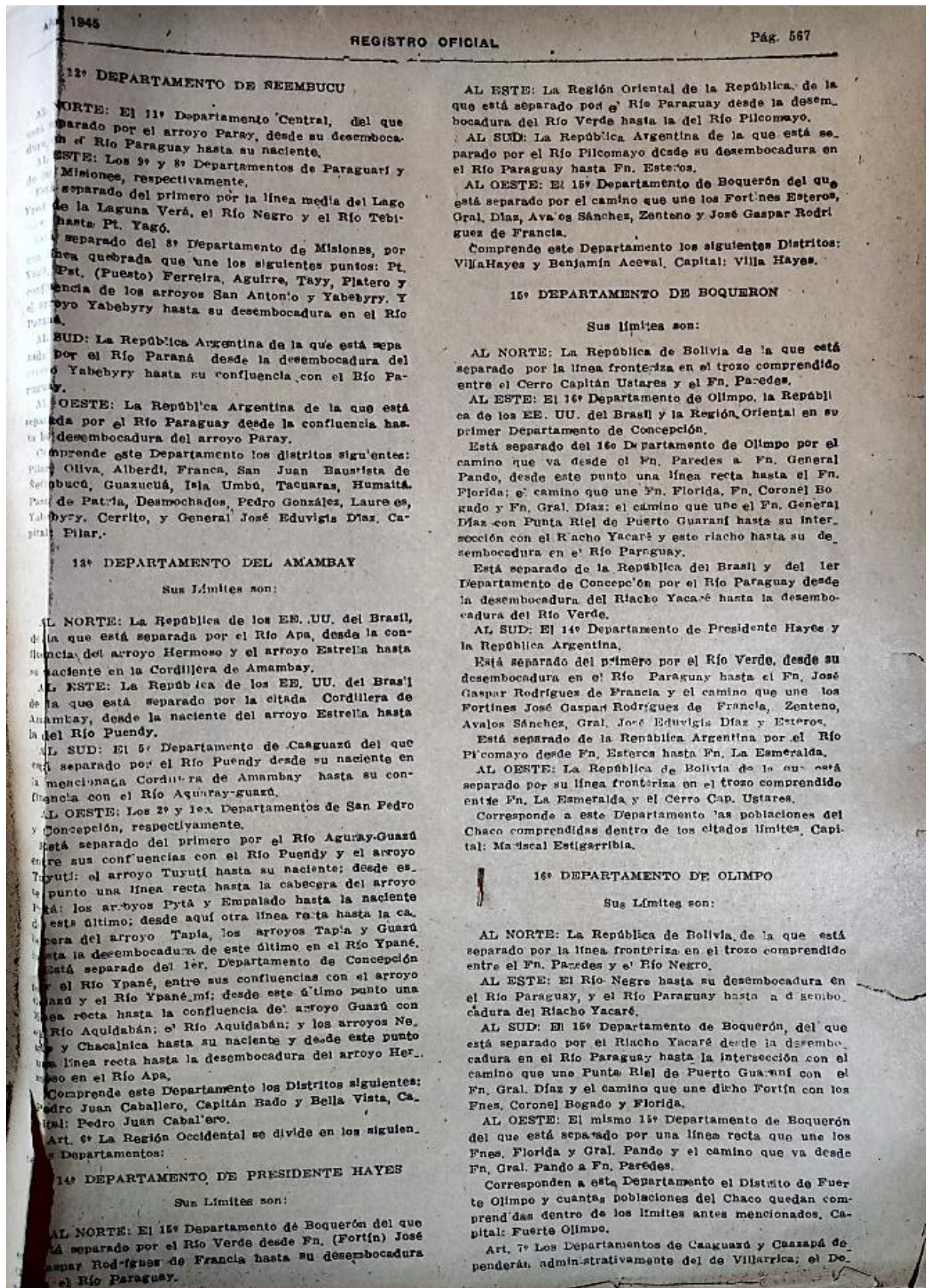
“Território de Ponta Porá terá os seguintes limites: a Oeste e Noroeste, pelo rio Paraguai desde a foz do rio Apa até à foz do ria Miranda; a Nordeste, Léste e Sueste, pela rio Miranda, desde à sua foz no Paraguai, até à foz do rio Nioaque, subindo por êste até à foz do córrego Jacarêzinho, segue subindo

por êste até à sua nascente e daí em linha reta e sêca, atravessa o divisor de águas entre o Nioaque e Carandá até à nascente do córrego Laranjeira, desce por êste até à sua foz no rio Carandá, continua descendo por êste até à foz no rio Taquarussú, prossegue até à foz do ribeirão Corumbá, sobe por êste até à foz do rio Cangalha, subindo até à sua nascente, daí segue pelo divisor de águas até à nascente do rio Brilhante, desce por êste até à sua foz no rio Ivinhema, continua por êste abaixo até à sua foz no rio Paraná, descendo por êste até à fronteira com o Paraguai, na Serra do Maracajú; ao Sul e Sudoeste, com a República do Paraguai, acompanhando o limite internacional, até à foz do rio Apa; (BRASIL; 1943)²

E em 10 de julho de 1945, já denominada Pedro Juan Caballero, a porção paraguaia do lugar aqui abordado Punta Porã, foi designada a capital do XIII Departamento de Amambay. Na figura 2 pode-se observar os limites que demarcam esse Departamento:

² fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De15812.htm, Acesso em 25/08/2025.

Figura 2: Decreto que establece os limites territoriais do Departamento de Amambay



Fonte: Gaceta Oficial (1945). Recebido em 2025

Ao investigar o ser-do-sido desse lugar fronteiriço é indubitável a necessidade de se analisar o fatídico período da Guerra da Tríplice Aliança, no Brasil conhecida popularmente como Guerra do Paraguai. Tal conflito estabeleceu as delimitações territoriais atuais da região, apesar do conflito ter ocorrido entre 1864 a 1870, parece ser um estigma não totalmente suturado, como pode-se perceber na declaração do atual presidente da República del Paraguay Santiago Peña em 04 de abril de 2025, em entrevista à Rádio Mitre da Argentina, no contexto do imbróglio do suposto monitoramento de sistemas do governo do Paraguai pela ABIN (Agência Brasileira de Inteligência).

Peña dijo que esta acción ilegal termina “abriendo viejas heridas” al recordar la Guerra de la Triple Alianza desatada contra el Paraguay durante los años 1864 a 1870. El conflicto bélico, considerado como la contienda más sangrienta de América del Sur, fue desarrollada por Argentina, Brasil y Uruguay. “Estas son heridas que nosotros estamos buscando sanar y este episodio lastimosamente lo que hace es abrir estas viejas heridas, cuando nosotros lo que queremos es dejar atrás es esa historia de odio, de resentimiento que venía principalmente de afuera hacia Paraguay, lastimosamente, hoy nos damos cuenta de que hay ese resentimiento”, lamentó. (La Nacion, PY, 2025)

Durante uma visita ao memorial histórico de Cerro Corá, por ocasião da realização de um trabalho de campo em 2023, o responsável pelo local, ao abordar o fatídico da Guerra da Tríplice Aliança, demonstrou profunda tristeza, se emocionou, revelando a atualidade dos sentimentos referentes a esse capítulo da história que marca a relação do Paraguai e Brasil.

Esse conflito, notoriamente ainda vivo na lembrança coletiva, transformou deveras a paisagem idílica, anteriormente mencionada, em um campo de batalhas, o lugar de encontro, de descanso, em uma área em litígio. Todavia, como será abordado mais adiante, esses elementos contraditórios não se anulam ou fagocitam-se um ao outro, mas sim, permanecem presentes como ser-do-sido.

É possível notar, que as marcas da Guerra da Tríplice Aliança são mais latentes para os paraguaios, provavelmente devido ao desfecho de profunda crise econômica posterior, quiçá pelas perdas humanas, caracterizando um genocídio conforme aponta Goiris (1999) ao abordar que:

Las consecuencias de la guerra fueron las más graves posibles para el Paraguay. A pesar de que las estimativas se presentan como muy divergentes, se puede afirmar que al inicio de la guerra el Paraguay tenía 800 mil habitantes. Murieron cerca de 606 mil, restando una población de menos de 194 mil personas, de las cuales apenas 14 mil eran del sexo masculino, incluyendo a niños y ancianos. Efraím Cardozo, dice, sin embargo, que de 1.300.000 habitantes sobrevivieron 300.000, la mayoría mujeres y niños. Se puede inferir, entonces, que la guerra del 70 no por casualidad lleva el nombre de *genocidio*. (Goris, 1999, p. 113-114)

O extrativismo da Erva Mate ou *Ilex paraguariensis*, deixou marcas indeléveis em Punta Porã, atualmente Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR, essa apelidada de “Princesinha dos Ervais”, basta chegar na cidade que os símbolos que remetem a essa dimensão do ser dessa fronteira saltam aos olhos, como na figura 3:

Figura 3: Monumento na Entrada de Ponta Porã - BR



Fonte: Maior (2025)

A descoberta dos Ervais na região de Punta Porã, despertou um interesse ainda maior por esse lugar, dentre esses, pode-se destacar Thomaz Larangeira fundador da Companhia Matte Larangeira, o qual se deparou com a abundância dos

ervais, provavelmente durante a Guerra, pois atuou ao lado das forças do Império do Brasil. Em Benítez (2019) se observa que após o fim da mesma, empreendeu no fornecimento de mantimentos para a comissão brasileira responsável pelos trabalhos de demarcação dos novos limites territoriais estabelecidos pelo Tratado de Cotegipe-Loizaga, no Brasil oficializado pelo decreto nº 4.911, de 27 de março de 1872.

Vale ressaltar que os ervais foram uma descoberta sobremaneira para Thomaz Larangeira, o qual resolveu empreender nessa cultura, pois “en los años anteriores a la Guerra los paraguayos seguían con su labor de acopio del Mate en el Chirigüelo y en las tierras altas de Punta Porã” (Benítez, 2019).

A Companhia Matte Larangeira obteve o monopólio da exploração da Erva Mate por vários anos na região de Punta Porã, devido principalmente ao fato de Thomaz Larangeira ser deveras hábil politicamente e ter sido agraciado com benesses tanto da Corte brasileira quanto de Concepción – PY. Contudo, esse empreendimento apresenta suas contradições, de um lado tornou a região um verdadeiro polo econômico, que atraiu comerciantes, sendo necessária a construção de estradas, facilitando o acesso, já por outra perspectiva, explorava violentamente a mão de obra, como por exemplo os Ervateiros, que carregavam os “raídos” os quais pesavam aproximadamente 250 quilos, como pode-se observar nas figuras 4 e 5:

Figura 4: Ervateiros carregando o “Raído” com folhas de Erva-Mate



Fonte: Blog Amambai - Patrimônio Da União De Um Povo

Figura 5: Estatua Representando um Ervateiro no Centro de Convenções de Ponta Porã – BR



Fonte: Maior (2025)

Apesar da exploração da Erva Mate ter colaborado para atrair pessoas para esse lugar, não foi o elemento determinante para o nascimento do povoado de Punta Porã, pois a Matte Larangeira até mesmo se opôs ao surgimento do povoado “asentado a orillas de las lagunas sombreadas por Perobales y Yerbales, siendo la cotizada sombra del Ilex paraguariensis fator que calcinaba la vida de los fundadores de Punta Porã” (Benítez, 2019, p.86), claramente tratando-se de disputas territoriais. Nas palavras desse autor:

No se puede negar que la yerba fue un fator de atracción del hombre a esta zona, pero no es correcto querer darle el mérito de haber sido el elemento determinante para el nacimiento del poblado de Punta Porã, origen de dos importantes ciudades: una paraguaya y otra brasileña. (Benitez, 2019, p. 84-86)

El nacimiento del poblado cuya historia está siendo presentada se dio con el comercio y con los intereses de los comerciantes y no por acción de los yerbateros. Incluso al formarse una de las grandes empresas explotadoras del Mate, esta irá oponerse y tratará de desalojar el embrionario poblado. (Benitez, 2019, p. 86).

Finalmente, um dado necessário do ser-do-sido da fronteira aqui investigada, que se manifesta na língua guarani, de maneira emblemática na denominação do lugar aqui analisado, Punta Porã, perceptível, como será melhor refletido mais adiante, no rosto é a origem indígena do povo fronteiriço, predominantemente Guarani Kaiowá, dado esse conhecido e reconhecido por muitos, como ilustra a próxima figura, um verdadeiro mosaico, que apesar das contradições presentes, pode ser entendido com um panorama dessa “Gente”, observa-se a figura 6:

Figura 6: Fachada de uma Loja em Ponta Porã – BR nas Proximidades da Linha internacional



Fonte: Maior (2025)

Em Torrechilha (2013, p.144) observa-se que “A região, onde hoje as duas áreas urbanas (Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR) se espriam, foi habitada nos primórdios pelos povos indígenas Guarani antes da criação das fronteiras entre os países”.

Mencionar essa origem, fazer saber da gênese desse lugar singular como Tekoha (para a etnia Guarani um lugar, que abarca o físico e o espiritual, o modo de ser, de viver), tanto corrobora os aspectos idílicos supracitados, como também lança luz para um povo, deveras, invisibilizado, marginalizado sendo que

Na atualidade os Guarani-Kaiowa (um dos subgrupos) constituem a maior população indígena do Brasil e vivem confinados em áreas rurais e urbanas, no sul e sudeste de Mato Grosso do Sul e na porção oriental do Paraguai, penetrando em torno de 100 km de ambos os lados da serra do Amambai (que compõe a linha fronteira Paraguai-Brasil). Em Mato Grosso do Sul, estima-se um total de 40 mil Guarani e Kaiowá residentes. Mais da metade localiza-se em uma área de 9.500 hectares, nos municípios de Amambai, Caarapó e Dourados, que são respectivamente próximos e no limite do município de Ponta Porã [...] O isolamento em áreas precárias e transformadas pelos novos arranjos econômicos exigiu da população indígena uma adaptação na sua organização social. (Torrechilha, 2013, p.145)

Em Goiris (1999, p. 187) observa-se que “El componente étnico principal - y hasta único - de la sociedad, en Pedro Juan Caballero, ha sido el individuo de origen *hispano-guaraní*”, ou seja, os povos indígenas não apenas ocuparam essa porção do espaço, deixaram inscrito de maneira ontológica, no lugar, nesse povo, esse elemento de identidade, Pois “tanto los indios guaraníes como los españoles, al encontrarse en el *nuevo mundo*, combinaram sus hábitos, valores y costumbres” (Goiris, 1999).

A facticidade da fronteira

Ao observar a contemporaneidade do fenômeno³ fronteiriço de Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR., pode-se perceber lampejos dos elementos anteriormente destacados, tais elementos não são simplesmente questões do passado, mas sim, conduzem:

O entender cadente que-se-encontra articula-se, no relativo a sua entendibilidade, no discurso. A constituição temporal de cada um dos fenômenos nomeados reconduz cada vez àquela temporalidade única que possibilita a unidade estrutural do entender, do encontrar-se, do decair e do discurso. (Heidegger, 2012, p. 913)

Um lugar, dois nomes, atualmente, a fronteira aqui analisada abarca a conurbação de dois municípios, Pedro Juan Caballero, do lado paraguaio da linha internacional, e Ponta Porã do lado brasileiro, como anteriormente apresentado, o lugar em questão outrora possuía um único nome, para ambos os lados da fronteira.

Porém, através de “una iniciativa del Congreso Nacional que por el Decreto de 1901 trataba de homenajear a varios héroes de la Independencia Nacional. Para

³ Na filosofia contemporânea, a partir das Investigações lógicas (1900-1901) de Husserl, F. começou a indicar não só o que aparece ou se manifesta ao homem em condições particulares, mas aquilo que aparece ou se manifesta em si mesmo, como é em si, na sua essência. É verdade que para Husserl o fenômeno neste sentido não é uma manifestação natural ou espontânea da coisa: exige outras condições, que são impostas pela investigação filosófica como fenomenologia (v.). O sentido fenomenológico de F. como revelação de essência (HUSSERL, Ideen, I, Intr.) soma-se portanto ao significado crítico de F., sem contudo eliminá-lo. Nele insistiu Heidegger, considerando o F. como o aparecer puro e simples do ser em si e distinguindo-o assim da simples aparência (Erscheinung ou *blosse Erscheinung*), que é indício do ser ou alusão ao ser (que contudo permanece escondido) e que, por isso, é o não manifestar-se ou o esconder-se do ser (Sein und Zeit, § 7, A). Obviamente neste sentido a noção de F. não se opõe mais à de coisa em si: o F. é o em si da coisa em sua manifestação, não constituindo, pois, uma aparência da coisa, mas identificando-se com seu ser. (Abbagnano, 2007, p. 437)

eso se há sustituido los nombres de los pueblos antiguos por los de algunos héroes de la gesta emancipadora de mayo de 1811” (Silveira, 2013, p.8).

Em Goiris (1999) fica evidente o longo processo de aceitação, de interiorização, por parte das pessoas que viviam lá, pois de acordo com esse autor:

Se registra en la historia que hasta muchos años después de aquel 1901, los habitantes de la frontera continuaban llamando, seguramente con añoranza, a la ciudad paraguaya como Punta Porã no como Pedro Juan Caballero. Se comenta también que desde el momento en que fue erigido el monumento al héroe de la independencia, capitán Pedro Juan Caballero, en la Plaza que lleva su nombre (*em 1920*), el pueblo fronterizo empezó realmente a llamar a la ciudad por el nombre de Pedro Juan Caballero. (Goiris, 1999, p. 172)

A figura 7 é o registro do monumento apontado pelo autor no trecho supracitado.

Figura 7: Estátua de Pedro Juan Caballero



Fonte: Maior (2024)

Dos elementos apontados como constituintes do ser-do-sido da fronteira, que possibilitam um melhor entendimento de sua facticidade, é o caráter de lugar de encontro, ou seja, verdadeiramente, tanto Pedro Juan Caballero – PY quanto Ponta Porã – BR, continuam sendo um *paraje*, lugar que atrai, esse dado é melhor

compreendido graças a investigação empreendida mais a cima. Mais adiante será abordado a questão dos fluxos migratórios direcionados para a fronteira, que corroborará com essa perspectiva.

A dimensão do encontro foi posta à prova uma vez mais durante o período da pandemia de Covid 19, em dado momento desse nefasto período que assolou a humanidade, o governo do Paraguai determinou o fechamento total de suas fronteiras, entre elas a entre Pedro Juan Caballero-PY e Ponta Porã – BR, mais uma vez esse lugar foi literalmente fraturado. Conforme pode-se notar no trecho da reportagem de 27 de março de 2020:

Em visita a Pedro Juan Caballero, cidade paraguaia vizinha à brasileira Ponta Porã, nesta sexta-feira (27), o ministro da Defesa Nacional do Paraguai, general Bernardino Soto Estigarribia, informou que será colocado arame farpado em toda a extensão da linha internacional. De acordo com o ministro, a barreira vai ser instalada em toda a área urbana da fronteira, que divide as duas cidades. Ele falou ainda que quem for pego tentando atravessar para os dois países sem autorização será encaminhado para delegacia. A fronteira, na região de Pedro Juan e Ponta Porã, está fechada desde a semana passada. Há barreiras com pneus e tambores e ainda a presença de militares que fazem a triagem de quem pode fazer a travessia. (G1, 2020)

A medida resultou na divisão da população das duas cidades gêmeas, fato inédito na história, que causou um sentimento de não pertencimento em ambas as populações, que até então sempre foram integradas e se reconheciam como uma única cidade. (Anastácio, Silva e Vieira, 2024 p.129)

Fica evidente que a decisão pelo fechamento da fronteira, se deu via uma decisão pensada pelo “centro” administrativo, desconsiderando-se as particularidades do lugar em questão, impelindo as pessoas a buscarem maneiras subversivas, visando manterem seu sustento, as figuras 8, 9 e 10 ilustram tais aspectos, tanto o fechamento quanto a subversão a medida:

Figura 8: Linha (imaginária) Internacional Ponta Porã-Pedro Juan Caballero



Fonte: Campo Grande News (2020)

Figura 9: Acesso ao Shopping China



Fonte: Balconista S/A (2020)

Figura 10: Comércio na Linha Internacional entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero



Fonte: Balconista S/A (2020)

A figura 10, deixa evidente a subversão às medidas adotadas pelo governo paraguaio, pois nesse período vários comerciantes, do “lado” paraguaio, atendiam seus clientes através de redes sociais, porém a entrega ocorria de maneira presencial como bem ilustrado anteriormente.

Tais aspectos supramencionados, possibilitam, mesmo com as contradições inerentes, uma percepção ontológica do fenômeno aqui investigado, logo favorecendo uma melhor compreensão, um entendimento mais genuíno, o qual aponta para o “projeto” da fronteira.

Para além de uma visão “do centro”, estar na fronteira, perscrutá-la, ser com e na fronteira, podem revelar lampejos de esperança de tentativas de construção da alteridade, como apontado, não recentes, mas que se inserem no plano ontológico, no ser desse lugar, questões essas que serão analisadas nas páginas que se seguem.

CAPÍTULO II - FRONTEIRA: O LUGAR E A IDENTIDADE

Empreendeu-se nesse capítulo investigar o lugar da fronteira entre o Paraguai e o Brasil, nas cidades gêmeas de Pedro Juan Caballero — PY, capital do departamento de Amambay e Ponta Porã — BR, situada no estado de Mato Grosso do Sul, cujo escopo foi a análise da possibilidade de uma identidade fronteiriça, para além da categorização nacional.

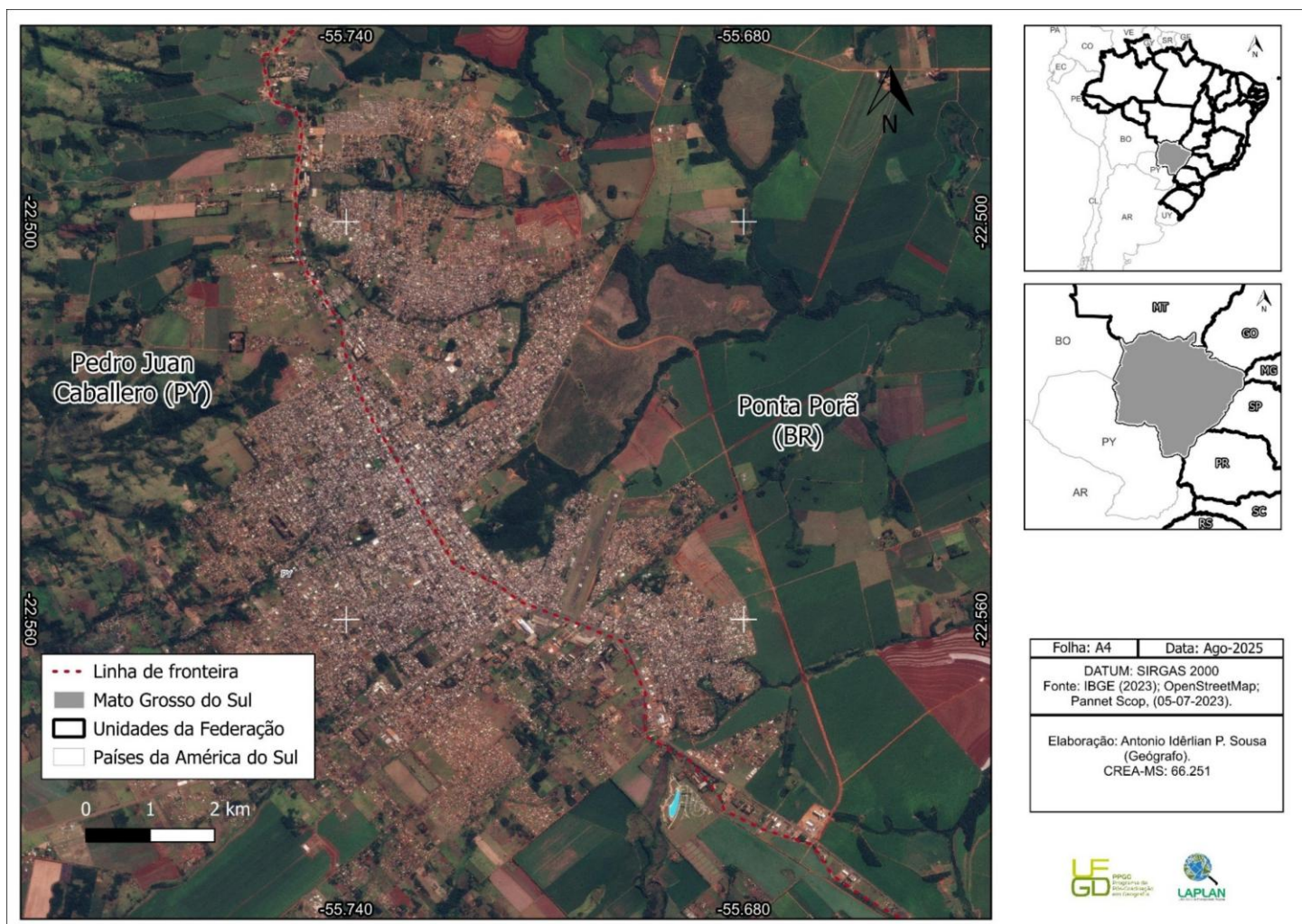
Inicialmente, são descritas as características físicas desse recorte empírico, devido a maior robustez de trabalhos, que versam sobre essa dimensão do município de Ponta Porã, em relação a Pedro Juan Caballero, pela análise desse particular, serão descritas as características da primeira, servindo como um lampejo para a investigação empreendida.

Posteriormente busca-se refletir a fronteira como um lugar e como ela influencia na construção da identidade do sujeito, para além das determinações do Estado-nação, ou seja, de que forma o lugar fronteiriço e o ser da pessoa interagem de maneira ontológica. Na sequência é realizada uma tentativa de decantar o fenômeno, cuja compreensão é deveras maculada pela categoria estética do trágico.

Finalmente é realizada uma reflexão acerca da possibilidade de uma identidade fronteiriça, que permita lançar as bases para a efetividade da alteridade, nesse contexto contraditório, marcado por exemplos cotidianos de acolhimento e negação do Outro.

Punta Porã (Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – MS)

Mapa 1 - Mapa do perímetro urbano entre de Pedro Juan Caballero (PY) e Ponta Porã (BR)



Ponta Porã é um município situado na região sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, nas coordenadas: Latitude: 22° 32' 11" Sul, Longitude: 55° 43' 36" Oeste, distante 326 quilômetros da capital Campo Grande, com uma população de 92.017 pessoas, segundo os dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2022, cuja densidade demográfica é de 17,17 habitantes por quilômetro quadrado em um território de 5.359,354 km² marcado pelo bioma do cerrado.

Enquanto Pedro Juan Caballero, capital do departamento (subdivisão administrativa semelhante as unidades federativas no Brasil) de Amambay, situada nas coordenadas: Latitude: 22°32'49" sul, Longitude: 55°43'59" Oeste, com uma população de 127.437 pessoas, segundo os dados do censo realizado em 2022 pelo

INE (Instituto Nacional de Estadística), tendo uma densidade demográfica de 25,4 habitantes em um território de 4.525 km².

Oliveira (2010, *Apud* BRASIL, 1982) descreve a composição do solo pontaporanense: “é composto predominantemente por rochas eruptivas básicas integrantes do derrame basáltico da Bacia Sedimentar do Paraná, conhecido formação Serra Geral, e por arenitos do Grupo Bauru”. Em outras palavras, um solo rico em ferro e magnésio, notório por sua fertilidade (desde que devidamente corrigido, principalmente com calcário, devido a acidez desse solo) para diversas culturas:

Na região predomina a vegetação dos campos limpos formado por grandes áreas de gramíneas e vegetação herbácea constituindo amplas pastagens naturais alternando vegetação arbustiva e arbórea ciliar. Os solos são principalmente latossolos vermelhos escuros com predominância de latossolos roxos (Maldonado *et al.*, 2009, p. 1434).

Ainda em Maldonado *et al.*(2009), vê-se que os aspectos climáticos da região onde se localiza o município, é classificado como Tropical mais ameno, cujo tipo bioclimático é Termoxeroquimênico atenuado, tendo temperaturas médias entre 20 °C e 24 °C, com uma pluviosidade anual de 1300 mm. Pode-se perceber, com tais informações, que trata-se de um município atrativo, tanto da perspectiva do agronegócio, dada a composição do solo, o regime das chuvas, como do bem-estar humano, devido ao clima mais ameno.

La ciudad de Pedro Juan Caballero, capital del xiii Departamento de Amambay, y la de Ponta Porã - MS, Brasil se hallan asentadas en una meseta de la de la Cordillera del Amambay, a 700 metros sobre el nivel do mar (Benítez, 2019, p.16).

La topografía del terreno se presenta sin accidentes considerables, presentando un aspecto agradabilísimo con suaves ondulaciones (Benítez, 2019, p.16).

El viajero, que desde la Ruta v General Bernardino Caballero se dirige a estas ciudades, va percibiendo la gradual ascensión, imponentes moles de piedras conforman la legendaria cordillera y serpenteando entre ellas el pavimento asfáltico busca la frontera Paraguay - Brasil, donde se empalma con otra carretera destino al litoral Atlántico del vicino país (Benítez, 2019, p.16).

A escasos kilómetros de éstas surge a la vista la meseta sobre la cual se asientan las mismas, siendo posible visualizarlas de manera soberana (Benítez, 2019, p.16).

Tais aspectos proporcionam uma melhor compreensão do nome que esse lugar recebe, Ponta Porã, do Guarani, que significa ponta bonita, com uma altitude de aproximadamente 655m acima do nível do mar, destaca-se em relação ao seu

entorno. Considerando essa e as demais características supracitadas é possível perceber então que tal conjunto age, não exclusivamente, como uma força de atração. Lançar um olhar atento, sobre o lugar em questão, munido conceitualmente, é fundamental na tentativa de verificar, até que ponto, de fato, ele relaciona-se ou não com o processo de produção do espaço.

Talvez o que se requeira seja inculcar uma (noção de) subjetividade que não seja exclusivamente temporal, que não seja a projeção de um interior — conceitual, introspectivo, mas, antes, uma subjetividade que seja também espacial, olhando abertamente em suas perspectivas e na consciência de sua própria constituição relacional (Massey, 2008, p. 124).

As características descritas, relevo, solo, clima, população, permitem uma análise, para além dos aspectos apresentados pelos meios de comunicação de massa, tendo presente que esses, sobremaneira enfatizam a dimensão do trágico, pois “a região de fronteira é também geralmente vista pela imprensa e pelo imaginário popular como um lugar perigoso, espaço da ilegalidade, da contravenção e da violência”. (Albuquerque, 2010, p.37) Que ao seu turno, obscurece outras dimensões referentes ao lugar, tão importantes ou até mais importantes, assim sendo, é imperativo buscar uma cosmovisão da realidade.

Ao considerar os elementos supracitados, solo, clima, relevo, população, além dos encontros e desencontros, negação, acolhimento, preconceito e reconhecimento na produção do espaço fronteiriço aqui abordado, a história da formação de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, as características geomorfológicas de ambas, categoriza-se então analiticamente esse recorte empírico, como um lugar. Logo, pode-se conjecturar uma identidade que seja oriunda desse lócus?

Vale ressaltar o fato de Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR, possuírem uma gênese comum, o lugar em questão fora denominado como Punta Porã (ponta bonita) como abordado no primeiro capítulo, todavia, após as vicissitudes da Guerra da Tríplice Aliança, o empenho pela valorização dos heróis nacionais, desembocaram na mudança do nome da porção territorial, pertencente ao Paraguai, desse lugar para Pedro Juan Caballero.

Lugar e identidade...fronteiriça?!

Debruçar-se sobre o fenômeno fronteiriço, pode significar também uma análise crítica das diferenças, ao nível ontológico, tendo presente que, embora a fronteira seja um lugar, com suas múltiplas particularidades, ainda assim é o lugar do encontro de Outros, de suas diferenças, ou seja, o múltiplo revela suas singularidades, os grupos humanos, em sua forma líquida, agrupam-se segundo dados em comum. Pois:

Fronteira de modo algum se reduz e se resume à fronteira geográfica. Ela é fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização (demarcada pela barbárie que nela se oculta), fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da História e da historicidade do homem, E, sobretudo, fronteira do humano (Martins, 1997, p. 13).

O ser do ente e o lugar *“como, real como a natureza, narrado como o discurso, coletivo como a Sociedade, existencial como o Ser”* (Massey *apud* Latour, 2008, p. 208) embricam-se, relacionam-se, de tal forma, que ambos produzem-se mutuamente, assim sendo, o sujeito adquire características próprias do lugar, esse ao seu turno, conforma-se aquele, em um movimento deveras sutil, praticamente imperceptível ao olhar superficial.

Ao abordar a temática fronteiriça, é imperativo investigar as diferenças dos lugares de cada território, para então verificar a maneira como ocorrem as aproximações e afastamentos, que originam então a fronteira; aqui entendida como um lugar. O lócus fronteiriço, assim como um rizoma, produz e é produzido, por diferenças, particulares e plurais. Nesse particular, Pedro Juan Caballero e Ponta Porã possuem ainda o adjetivo gêmeas, que fazem jus por algumas questões.

A fronteira é considerada também como a zona da interação de “cidadãos fronteiriços” que, além de ser com frequência bilíngue, se beneficia do ambiente multi-cultural característico de uma zona transfronteiriça. Nos mais variados aspectos como: trabalho, contravenção, consumo, defesa, disputa, reconhecendo, que o outro lado da fronteira tem outra lei. A síntese das relações transfronteiriça é explicitada na maioria das vezes por cidades gêmeas (Silva, 2011, p. 2).

A produção do espaço, no lugar das cidades gêmeas⁴, conduz a uma compreensão da utilização desse adjetivo, a saber: as ruas da região central das duas

⁴ The notion of twin cities was first applied in the USA in relation to two cities — Minneapolis and Saint-Paul — situated on the opposite banks of the Mississippi river as they were developing as

cidades se entrecruzam de maneira a confundir o verdadeiro forasteiro; a arquitetura do centro comercial na linha internacional, inaugurado em 2012 cujo formato é capaz de fazer recordar um trecho da canção do cantor e compositor uruguaio Jorge Drexler “Y las fronteras se mueven como las banderas”; atualmente ocorre uma obra de revitalização da linha internacional, cujo programa possui um nome emblemático, que leva a uma reflexão a respeito do “projeto de fronteira” empreendido, buscado, intentado, trata-se do “Programa Fronteira do Futuro” Conforme as figuras 11, 12 e 13.

Figura 11 Placa de Execução de Trecho da Obra do Programa Fronteira do Futuro



Fonte: Maior (2024)

complementary economic complexes. Since then, this term has been widely used in scholarly literature (mainly in geography and economics) denoting one of the types of urban agglomeration. Since Soviet times, Russian economic geography has used a similar term — “satellite cities”. The case is that twin cities are equal actors, while satellite cities are small cities that surround and serve a major city (the ‘planet’ or the centre of agglomeration), and have subordinate positions [1; 5; 9]. There are many related terms in western studies — double cities, fraternal cities, sister cities, related towns, connected cities, trans-border cities, binational cities, neighboured cities, coupled towns, partner cities, friendship towns, bridge-towns and others (Sergunin e Anischenko, 2012, P.20).

Figura 12: Trecho da Obra do Programa Fronteira do Futuro



Fonte: Maior (2024)

Figura 13: Parquinho Infantil na revitalizada Linha Internacional



Fonte: Maior (2024)

Obra essa, financiada pelo Fundo Financeiro para Desenvolvimento da Bacia do Prata (FONPLATA) cujo empréstimo é de US\$25milhões de dólares americanos,

com uma contrapartida local de US\$6 mil dólares, essa empreitada conta com a participação da Prefeitura de Ponta Porã.

O empreendimento supracitado, pode revelar a ideia de fronteira que permeia o imaginário das pessoas que lá vivem, ou seja, a categorização do lugar como “Cidades Gêmeas”, corroborando com a dimensão de lugar do encontro, conforme apontado no capítulo I, a qual aqui se dá pelo que emana da compreensão da própria população, corroborada por símbolos, monumentos, como o parque linear na linha internacional, não mais muros ou trincheiras, para além de um conceito estritamente acadêmico. Como é possível perceber na figura 14, que retrata uma verdadeira indissociabilidade entre Pedro Juan Caballero – PY e Ponta Porã – BR e a fala de um vereador de Ponta Porã, quando questionado a respeito da interdependência das cidades.

Figura 14: Ambos os lados do Monumento na Linha Internacional



Fonte: Maior (2025)



Elas são... cidades gêmeas, vamos dizer assim né. Não são interdependentes totalmente né? Porque o comércio em si né, é um comércio livre né? Tendeu? Então a gente tanto busca lá no Paraguai porque é mais acessível e tanto quanto os paraguaios também vem fazer as compras no Brasil no que for mais acessível que a gente entende que é o comércio de roupas né, e restaurantes, então os mais procurados são do lado brasileiro. E a gente também tem a questão de eletrônicos e algumas outras coisas, assim como combustível né, e derivados do petróleo, que a gente busca mais do lado paraguaio porque são produtos mais barato no lado paraguaio, por conta do câmbio, né? (Vereador, Ponta Porã, 2024).

Outro elemento que surge espontaneamente, ao se questionar a respeito dos aspectos positivos de se residir, viver na fronteira, é o elemento cultural, conforme o relato do entrevistado Antônio que se segue:

Ponto positivo... uma questão cultural, diversificada porque você tem tanto a cultura brasileira porque aqui como aqui em Ponta Porã pelo que eu posso dizer tem uma questão de encontros de culturas muito grande. Tanto da parte do Paraguai quanto da questão de que vem muitas pessoas de outros lugares do Brasil pra fazer a faculdade. Faculdade de medicina que é um dos cargos chefes, querendo ou não hoje, de Ponta Porã. Então a diferença cultural, a diversidade cultural é muito grande e é um dos pontos mais positivos que eu acho. (Entrevistado Antônio, 2024)

Todavia, há um sentimento de preconceito, manifestação da negação do Outro, podendo ser entendido como um alguém que queira se beneficiar das políticas públicas do “país vizinho”, ou mesmo pelo fato de não se buscar aprender a língua do Outro, como pode-se observar no próximo relato, de uma jovem que nasceu em Pedro Juan Caballero, porém foi registrada apenas em Ponta Porã, logo possuindo somente documentação brasileira, no entanto se sente melhor do “lado paraguaio”, seguem trechos da resposta, ao ser questionada se há integração na fronteira e como ela se relaciona com os brasileiros:

“Da parte brasileira não [há integração], temos que falar português no Brasil, daí eles vem para cá e temos que falar em português também, existe muita discriminação por parte dos brasileiros.[...] Não tenho uma boa convivência [com os brasileiros], porque em todas as situações que me encontro com brasileiros natos, eles fazem questão de humilhar os paraguaios, menosprezar”. (Entrevistada Celina, 2023)

Apesar de ser possível perceber as contradições existentes, pode-se notar também uma série de imbricações, a manifestação da cinemática fronteiriça para além do ir e vir na linha internacional. A mútua dependência, econômico-cultural, das cidades pode ser considerada como mais um dado na análise da possibilidade de existência de uma identidade híbrida, ambos, pedrojuaninos e pontaporanenses, recorrem a ambas as cidades de acordo com a necessidade, usufruindo do que cada

uma tem de melhor a oferecer, itens alimentícios, mercadorias, serviços de saúde, educação, etc.

Embora os limites do Estado-nação ergam-se, nas dimensões do histórico, simbólico e até na do poder, ainda assim os movimentos das gentes acabam por transpô-los de modo deveras sutil no cotidiano. Ambas cidades rememoram seus heróis nacionais, “batizando” suas ruas e praças, como que os colocando como baluartes de defesa da história, marcada principalmente pela guerra da Tríplice Aliança. As bandeiras nacionais, hasteadas na entrada das cidades, conforme a figura 15, buscam definir o início e o fim dos territórios de cada um. Quanto ao poder, sendo atualmente o capital o principal expoente, verificam-se os prédios da Aduana paraguaia e da Receita Federal brasileira defrontes, conforme figura 16, como que a própria personificação do erário a cuidar de sua fazenda. Desse modo,

A delimitação de limites e fronteiras faz parte de jogos de interesses e de manipulação. As fronteiras são definidas “como instrumento para comunicar uma ideologia”. Ideologia e poder de fiscalização, de controle e legislação. Fronteiras e limites são criados para estabelecer domínios e demarcar territórios (Silva, 2011, p.3).

Figura 15 Bandeiras do Paraguai e do Brasil



Fonte: Maior 2025

Figura 16: Receita Federal brasileira e Aduana paraguaia



Fonte: Maior (2024)
Elaboração do autor

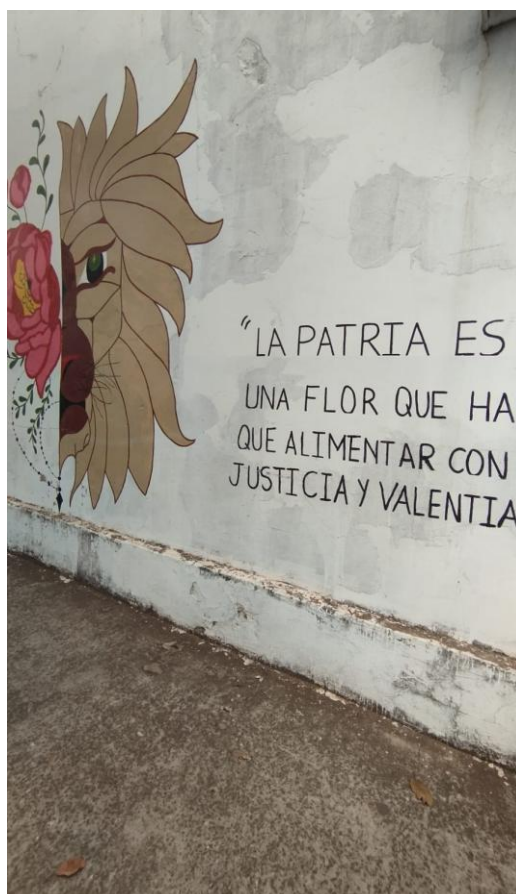
Conforme a figura 16, pode-se observar o prédio da Receita Federal brasileira (à esquerda do observador), defronte as instalações da Aduana paraguaia (à direita do observador). No que se refere ao elemento simbólico do Estado-nação, percebe-se, principalmente em Pedro Juan Caballero, a ostentação de símbolos que remetem a história paraguaia, ao nacionalismo, conforme as imagens que seguem, sendo na figura 17 uma pintura que remete a Francisco Solano López, líder do Paraguai durante a guerra da Tríplice Aliança, a figura 18 uma frase de veneração a Pátria, a figura 19 que remete ao heroísmo do exército no Cerro Corá, enquanto na figura 20 observa-se também Solano López, nesta imponente sobre um cavalo:

Figura 17: Grafismo no entorno centro administrativo de Pedro Juan Caballero



Fonte: Maior (2024)

Figura 18: Parede aos arredores da Gobernación de Amambay



Fonte: Maior (2024)

Figura 19: Parede nas proximidades da Gobernación de Amambay



Fonte: Maior (2024)

Figura 20: Estátua em homenagem ao Mariscal Francisco Solano López, ao lado da Gobernación de Amambay



Fonte: Maior (2024)

Pode-se perceber um verdadeiro ritmo de tango nas relações fronteiriças, ou seja, aproximações, afastamentos, um enamorar-se caliente, movimentos bruscos, mas sem jamais abondar o parceiro. Tamanha sinergia que revela os encontros e negações, fazendo surgir mais indagações que respostas na tentativa de compreender tal fenômeno. Logo, pode-se perceber que há uma multiplicidade de

compreensões a respeito do fenômeno fronteiriço, dessas abordar-se-á duas, que parecem, em um primeiro momento, anularem-se.

Duas compreensões do lugar fronteiriço

Rafestein (2005) categoriza as contradições da fronteira como uma cinemática, podendo ser esse multicolorido, contendo diversos formatos, múltiplos movimentos, compreensão essa que se corrobora ao indagar aos sujeitos fronteiriços, a maneira como eles entendem essa fronteira. Todavia, para aqueles que a conhecem apenas pelos veículos de comunicação, ou ainda aqueles que embora residam, nesse lugar, porém sem de fato fazer genuína experiência desse fenômeno, acabam por enxergar um fenômeno disforme e acinzentado.

A ordem e a desordem não são, paradoxalmente, noções opostas e não representam mais do que momentos de um processo semelhante ao da cinemática da fronteira. A fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos da comunicação biossocial que assume uma função reguladora. Ela é a expressão de um equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas em todos os sistemas biossociais (Raffestin, 2005, p.13).

Referente a essa dinâmica, é imperativo refletir a respeito do relato desse morador de Ponta Porã, ao ser indagado a respeito do cotidiano do encontro entre os paraguaios e brasileiros nesse contexto fronteiriço:

Meu ponto de vista é que ainda que sejam cidades irmãs, existe sempre o preconceito presente. Ahh... seja de paraguaios que agem com preconceito com brasileiros que não se esforçam pra falar o espanhol, sejam com paraguaios que moram no Brasil e tem preconceito com os próprios paraguaios, sejam os paraguaios que moram no Brasil e fazem documentação no Brasil pra ter os benefícios que o Brasil oferece. Ah... e mesmo assim eles ainda fazem, por baixo dos panos, documentação paraguaia pra ter os direitos que a documentação paraguaia trazem. Então... são... vivem em uma certa harmonia, mas sempre com preconceito e sempre com... com uns oportunismos de “moro aqui porque tem mais vantagens aqui”, mas mesmo assim usufrui de vantagens de lá, mas... mais ou menos isso (Entrevistado José, 2024).

Ao explorar a dimensão do trágico, os meios de comunicação, acabam por salientar, os piores aspectos de uma determinada realidade, consequentemente maculando-a, capaz até de inculcar nas pessoas, uma ideia equivocada. Nesse diapasão, o fenômeno aqui ensaiado, acaba sendo revestido pela tragédia, como é sabido, fronteira torna-se sinônimo de crimes, tráfico, homicídios, contrabando, descaminho, em suma, toda sorte de desgraças sociais.

No entanto, é crucial destacar que essa representação não corresponde à totalidade da experiência fronteiriça. Como visto no caso de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, as fronteiras são também espaços de encontro, troca e convivência, onde se desenvolvem relações sociais, culturais e econômicas que desafiam a noção de limite rígido. A vida cotidiana nessas regiões é marcada por uma interdependência que vai além das divisões políticas, criando uma identidade compartilhada e uma dinâmica única. (Araújo *et al.*, 2025, p.362)

Entretanto, outra compreensão que se manifestou, foi a da fronteira como um bom lugar para se viver, na qual as problemáticas também existem, porém não fagocitam o fenômeno, como na leitura trágica. Ou seja, a dimensão negativa, está em um plano menor, do que as benesses que o lugar oferta aos seus e aos Outros. A entrevistada Jusilene natural do município de Dourados – MS, que atualmente reside em Pedro Juan Caballero – PY, quando questionada se a criminalidade é de fato de conforme o com o que está no imaginário popular, devido ao que comumente é noticiado a respeito da fronteira respondeu: “Exagerado, na questão de criminalidade, assaltos, no Brasil é muito maior, as pessoas podem sentar em frente suas casas, me sinto mais segura aqui”

Até pessoas que passaram boa parte de suas vidas em outras cidades, no Brasil, relatam que se sentem bem mais seguras em Pedro Juan Caballero. Outro dado que salta aos olhos, é de que os homicídios são direcionados, logo basta não se envolver com “coisa errada” que poder-se-á viver tranquilamente na fronteira. Conforme relato do entrevistado José, que pediu para não ser identificado, ao sintetizar a fronteira segundo suas experiências.

“Ah... eles se resume com um... “é só você não mexer com coisa errada”. E... porra, sabe se você... da pra resumir bem o “é só você não mexer com coisa errada”. Né, o... as coisas que essa frase traz, né. Pô eu não queria ter a possibilidade de... não queria ter a ideia de ter algo errado que eu poderia me envolver com algo errado aqui perto, e... eu só ficaria em paz se eu não mexer com coisa errada, eu só não me daria mal se não

mexesse com coisa errada, porra eu num... num quero essa perspectiva. Eu quero uma perspectiva de... sei lá, “faz isso e vai dar certo”, não tem a possibilidade de você ir pra um caminho tortuoso que é facinho de você entrar por aquele caminho tortuoso e você se dá muito mal, sabe? Um lugar... onde não tenha- onde tenha menos essas possibilidades de você ferrar com a sua vida facinho. Mexa com a pessoa errada e você se lasca, mexa com a mulher de alguém que você não sabia que era mulher de alguém e se lasque, ande na rua tal no horário errado e se lasque, mexa com alguém num bar errado e se lasque. Então, é só você não mexer com coisa errada e tá tudo certo, sabe? Num deveria existir essa possibilidade, deveria existir algo melhor do que “só não mexer com coisa errada e vai dar tudo certo”. (Entrevistado José, 2024)

Em suma, pareceu-nos imperativo abordar essas duas, talvez principais maneiras de compreender o fenômeno, na tentativa de decanta-lo, para verificar os níveis de interação ontológica entre sujeitos e lugar, pois é possível perceber que quanto mais íntima a relação quanto mais o cotidiano importa, não apenas o que é veiculado. Após uma análise inicial do fenômeno fronteiriço, as interações entre as pessoas, os encontros, as negações, e um entendimento da fronteira como um lugar, para além da ideia de territórios nacionais; é possível desse lugar emergir uma identidade fronteiriça?

Uma identidade fronteiriça?

Ficou explícito também as duplas nacionalidades, que se apresentam de forma legal e ilegal, a dupla-nacionalidade em muitos casos não será uma saída por sentimento de pertinência e sim como uma busca por vantagens locais, mostrando assim que o caráter negociado da identidade é uma marca nesta fronteira e sua prática de vê normal dentro deste contexto (Souza, 2018, p. 114).

O escopo dessa discussão não é uma categorização, uma definição precisa, mas antes observar a maneira como o lugar, aqui a fronteira entre o Paraguai e o Brasil, as cidades de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, influencia na construção do Ser do sujeito. Para além das discussões das definições conhecidas, a saber: brasileira, paraguaia, brasiguiaia^{5*}; pois parece-nos insuficientes para

^{5*} “Este nome nasceu em 1985, em uma reunião na cidadezinha de Mundo Novo (MS), fronteira com a região paraguaia de La Paloma. Aconteceu o seguinte: o encontro era para articular a volta ao Brasil de 950 famílias, e durante as discussões um agricultor levantou e falou: — Então quer dizer

verdadeiramente entender a relação Sujeito-lugar, uma vez que baseia-se quase que exclusivamente na conformação do ser do sujeito à nação, todavia “Estados-nação não são capazes de lidar com os desafios transfronteiriços de um mundo interdependente. Não obstante, eles tampouco podem forjar instituições além fronteiras que sejam capazes de fazê-lo” (Bauman, 2016, p. 26).

Considerar a fronteira como um lugar, possibilita lançar as bases para o princípio de identidade, pois pela perspectiva lógica é estabelecido um conjunto, no qual inserem-se elementos que compartilhem de dados *idênticos*, ou seja, os sujeitos que possuam como dado essencial a fronteira, por meio de genuína relação, independentemente da nação que façam parte, são fronteiriços.

Souza (2018) em sua dissertação de mestrado em geografia aponta um “caráter negociado da identidade”, ao referir-se aos movimentos de autoafirmação dos sujeitos, que “identificam-se” conforme as circunstâncias em que se encontram, ora paraguaio, brasileiro e até brasiguai*. Todavia, esse entendimento não parece atender suficientemente ao conceito de identidade, que embora sendo passível de construção, transformação, não apresenta tamanha volatilidade. Para essa reflexão foi adotada a definição de identidade de:

Leibniz, que aproxima o conceito de I.(dentidade) ao de igualdade (v.): “Idênticas são as coisas que se podem substituir uma à outra salva veritate. Se A estiver contido numa proposição verdadeira e se, pondo-se B no lugar de A, a proposição resultante continuar sendo verdadeira, e se o mesmo acontecer em qualquer outra proposição, diz-se que A e B são idênticos; reciprocamente, se A e B são idênticos, a substituição a que nos referimos pode acontecer (Abbagnano, 2007, p.529).

A contemplação da epifania relacional Sujeito-lugar, proporcionadora de identidade, possibilita o prelúdio de uma humanidade capaz de relacionar-se com o Outro pelos atributos essenciais e menos os acidentais, proporcionando a construção do espaço que vise o encontro e não a segregação, significando uma libertação à lógica neoliberal vigente. Assim:

A ontologia (fenomenologia) dá lugar à metafísica (epifania apocalíptica do outro). [...] a epifania se realiza como revelação daquele que realmente decide

que nós não temos os direitos dos brasileiros porque abandonamos o país. Mas, me digam uma coisa: afinal de contas, o que nós somos?

Vocês são uns brasiguaiois, uma mistura de brasileiros com paraguaiois, homens sem pátria — respondeu o deputado federal pelo Mato Grosso do Sul — na época militando no PDT, depois no PT — Sérgio Cruz” (Wagner, 1990, p.20).

além do horizonte do mundo ou da fronteira do Estado. Manifestação não é revelação; presença não é exposição ou traumatismo. A libertação não é uma ação fenomênica, intra-sistêmica; a libertação é a práxis que subverte a ordem fenomenológica e a transpassa numa transcendência metafísica que é a crítica total ao estabelecido, fixo, normalizado, cristalizado, morto (Dussel, 1977, p.64).

Assim sendo, é mais verossímil que ocorra a epifania de determinada dimensão da identidade, e não uma “negociação”, ou seja, de acordo com a circunstância na qual o indivíduo encontra-se, manifestar-se-á um aspecto de seu ser, não uma modificação ontológica da magnitude apontada pelo autor supracitado.

A tabela que se segue é oriunda de um questionário semiestruturado, que foi aplicado durante um trabalho de campo, realizado no mês de março de 2024, na fronteira aqui investigada, foram aplicados vinte e cinco questionários. Ao serem indagados como se identificavam, as respostas foram as seguintes:

Quadro1: Auto identificação (2024)

Brasileiro	Paraguaio	Brasiguai	Fronteiriço	Total
8	8	2	7	25

Fonte: Trabalho de Campo (2024)

Primeiramente, um aspecto que saltou aos olhos, foi o de que a alternativa “fronteiriço” não constava no questionário, ou seja, haviam apenas três opções, a saber: Brasileiro; Paraguaio; Brasiguai. Todavia, sete entrevistados, responderam que se identificavam como “fronteiriços”, ao serem indagados, representando um percentual de 28%.

Ao observar a formação do povo fronteiriço, é possível perceber a pluralidade em sua gênese, paraguaios, brasileiros, indígenas, gaúchos, árabes.

O ponto a ser destacada é que, nesse período (meado de 1970), a dinâmica econômica influenciou mais diretamente a dinâmica demográfica na medida em que a cidade fronteiriça começou a receber imigrantes asiáticos, árabes, entre outros, oriundos ou da Ciudad del Este, onde já estavam estabelecidos, ou diretamente do seu país de origem. Esses imigrantes eram atraídos pelo então mercado turístico já consolidado e em vias de expansão (Missio *et al.*, 2011, p.10).

Situação que aponta que as diferenças acabam por tornarem-se um dado comum, quiçá uma característica necessária desse recorte empírico. O Outro está verdadeiramente em todos os lados, será a fronteira o lugar por excelência da alteridade? A pluralidade supracitada aparece estampada na fachada da Câmara Municipal de Ponta Porã, conforme aponta a figura 21:

Figura 21: Fachada da Câmara Municipal de Ponta Porã



Fonte: Maior (2024)

Buscou-se ao longo desse capítulo relacionar o lugar e a formação da identidade do sujeito, para além das determinações impostas pela nação, dessa forma, tentar compreender melhor a maneira como o lócus fronteiriço impacta na construção ontológica da pessoa, e nessa seara, pensar o Ser da fronteira.

Essa empreitada pareceu-nos imperativa na tentativa de desobscurecer o entendimento a respeito do Outro, tendo em vista que, apesar da ideia de Estado-nação ser uma novidade, ao observar o todo da história da humanidade, impregnou de tamanha forma o entendimento sobre a realidade e consequentemente as relações interpessoais, levando ao cúmulo de até se negar a dignidade ao Outro, por esse ter outra nacionalidade.

Apesar das contradições, a dinâmica da fronteira, aqui abordada, principalmente no que tange o livre fluxo entre as duas cidades, os dois países,

favorecem o contato com o Outro, mesmo que isso não garanta necessariamente a ocorrência da alteridade. Entretanto, o simples fitar o rosto do Outro, no qual estão grafadas, quase que cartograficamente, o Ser, impele ao movimento... da negação ou da alteridade.

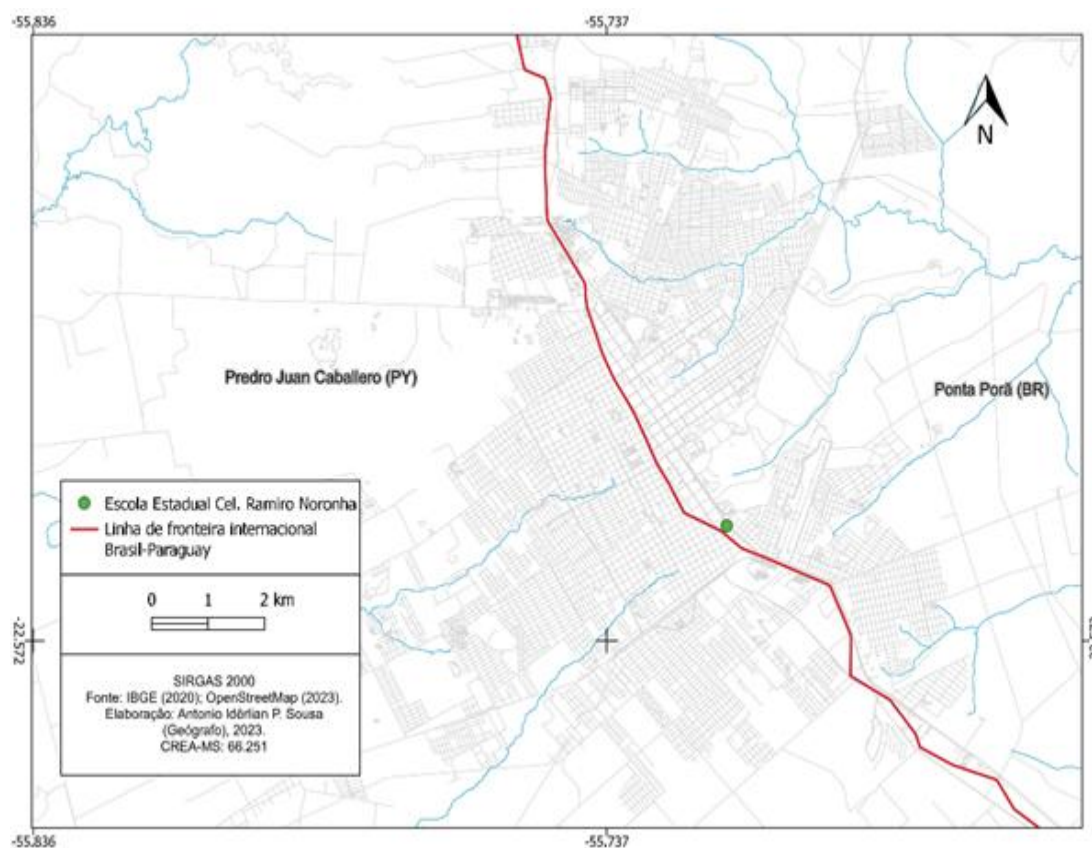
CAPÍTULO III - FRONTEIRA: ENTRE A NEGAÇÃO E A ALTERIDADE

Nesse capítulo, analisar-se-á esse que pode ser considerado um par dialético, a negação e a alteridade no contexto da fronteira entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã. O cotidiano fronteiriço do encontro com o Outro, e de que maneira esse encontro se dá na prática. Posteriormente, se apresentará a Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha.

Essa instituição escolar, claramente é uma escola na fronteira, que está próxima da linha internacional, e não uma escola de fronteira⁶. Todavia, ainda sim recebe inúmeros alunos que residem em território paraguaio, em Pedro Juan Caballero. Entretanto, a grande maioria do alunado, segundo a ótica jurídica, é brasileira, pelo fato de possuírem a documentação do Brasil.

⁶ Fica evidente que há esforços no intuito de reconhecer as particularidades da fronteira no âmbito educacional. Algumas experiências no território nacional demonstram isso. Igualmente, o caso do PEIF na fronteira de Ponta Porã expõe uma tentativa em considerar a diversidade existente neste cenário territorial. Ao mesmo tempo, tais experiências acabam por expressar uma série de limitações que representam verdadeiros desafios quando se trata do tema educação e fronteira. (Anastácio, 2018, p. 75).

Mapa 2: Mapa da localização Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha



Faz-se mister destacar, que a situação supracitada é praticamente um elemento comum, a educação menor, termo que será posto em evidência mais adiante, intenta no acolhimento de todos, buscando sanar as lacunas deixadas pela ausência de uma legislação e de políticas públicas que atendam essa demanda.

Fronteira da Negação ou da Alteridade?

Os relatos desse subitem apresentado de modo interrogativo, devido as contradições inerentes nessas dimensões antagônicas, são frutos da experiência fronteiriça, de quase dois anos, de um sujeito não brasiguai, mas sim um brasileiro, que embora tenha suas raízes genealógicas paraguaias, ainda não havia tido uma experiência *in loco*. Entretanto, como relatado na apresentação, tendo sido criado pela avó materna, nascida em Pedro Juan Caballero, cresceu respirando manifestações paraguaias e relatos vivenciais da fronteira.

O cotidiano fronteiriço é permeado pela contradição, momentos trágicos e momentos sublimes, exemplos de acolhimento e negação do Outro e até do Mesmo. O dia a dia revela esses movimentos de modo deveras sutil, no trânsito, por exemplo, quando alguém demonstra imperícia na condução, de súbito olham a placa do veículo, caso esse seja oriundo do Paraguai, a resposta geralmente é: “Tinha que ser paraguaio mesmo” corroborando Martins (1997) que categoriza a situação de fronteira como de conflito e fricção.

É possível ouvir também falas negativas quanto à higiene dos paraguaios, brasileiros que alertam pessoas que não conhecem o país vizinho sobre os “perigos” da culinária paraguaia, referindo-se a suposta falta de higiene deles, todavia é possível observar uma multidão deliciando-se na praça de alimentação do Shopping China⁷, principalmente brasileiros.

A negação perpassa também pelos aspectos culturais, por exemplo, o tereré⁸ que foi declarado Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, embora de origem paraguaia, foi incorporado na cultura sul-mato-grossense, pois tem um forte valor simbólico nesse estado; contudo é tomado como exemplo da “preguiça” dos paraguaios, principalmente na construção civil, pois os pedreiros, serventes, os trabalhadores desse setor de modo geral, que ostentam a identidade paraguaia, consomem, quase que religiosamente, o tereré, em certos horários do expediente, com pausas no trabalho para a “roda de tereré”.

Quanto a negação dos brasileiros pelos paraguaios, é manifesto também através da aversão da língua, relatos da minha avó, corroboram essa afirmativa. Dona Francisca Pereira apesar de ter nascido na cidade de Pedro Juan Caballero no Paraguai e vivido lá alguns anos, aprendeu a língua portuguesa desde bem jovem, no contexto fronteiriço. Ainda na juventude mudou-se da fronteira; alguns anos depois realizou uma viagem com seu companheiro, paraguaio, com destino à Assunção,

⁷ Trata-se da maior loja de departamentos de Pedro Juan Caballero – PY, a qual atrai inúmeros turistas, devido a variedade de produtos importados, que dificilmente encontrariam nos shoppings convencionais.

⁸ O tereré, ao contrário dos demais bens registrados, é bastante conhecido e consumido em qualquer localidade do estado. A bebida, por certo, representa também, há várias décadas, uma importante fonte econômica para o MS. Apesar de sua presença antiga nessas paragens, é possível afirmar que a bebida demorou a ser reconhecida como patrimônio cultural do estado. (Gonçalves, 2023, p. 53).

capital paraguaia, e, durante uma abordagem realizada pela Caminera (semelhante a Polícia Rodoviária Federal do Brasil) respondeu aos questionamentos do policial na língua portuguesa, no mesmo instante foi repreendida pelo companheiro, que a alertou que isso poderia causar problemas, logo deveria falar apenas em guarani.

Souza (2018), apresenta inúmeros relatos que explicitam a negação. Dentre eles, o fato dos brasileiros se sentirem em um patamar superior em relação aos paraguaios, percepção proveniente dos comentários proferidos por alguns brasileiros no cotidiano, como por exemplo: vangloriarem-se de terem vencido a guerra da Tríplice Aliança, com comentários até pejorativos, a situação econômica do Brasil em detrimento da do Paraguai.

Ainda percebe-se uma tensão nessa relação, entre brasileiros e paraguaios, neste caso se denuncia uma imposição do brasileiro ao paraguaio nas relações econômicas. Está construído no imaginário de muitos brasileiros a dependência econômica do paraguaio em relação ao brasileiro (Souza, 2018, p. 43).

Apesar das percepções supracitadas, é possível contemplar lampejos de alteridade, tanto no ordinário como no extraordinário, sinais de esperança por uma comunidade fronteiriça verdadeiramente fraterna, acolhedora, hospitaleira, para além dos movimentos impelidos pelo capital, das relações estritamente comerciais pois “Fronteira é essencialmente o lugar da alteridade. É isso que faz dela uma realidade singular. À primeira vista é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si” (Martins, 1997, p. 150).

A epifania da alteridade na fronteira, ocorre também pelos movimentos de relacionamentos familiares, ou seja, famílias cujos membros são provenientes dos dois países, facilitando a construção de um ambiente fraterno, no qual os laços, o ser família, possibilita extrapolar a visão nacionalista. A constituição genuína de uma família é capaz de tornar Mesmo até o Outro, os diferentes em iguais.

Em suma, é verossímil que o cotidiano da fronteira revele sobremaneira a negação ao invés da alteridade, todavia é imperativo lançar luz à comunidade escolar, mais precisamente da Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha, a qual atende principalmente brasiguaios (nesse caso, paraguaios com documentação brasileira que residem no Paraguai). Devido a sua localização fronteiriça, aproximadamente cem

metros da linha internacional, observar essa escola é observar a genuína reação da alteridade catalisada pelo ambiente escolar, nesse caso, fraterno e acolhedor.

O Catalisador⁹ da Alteridade

Na tentativa de encontrar na fronteira um lugar da alteridade, um ambiente que realmente propicie e emane acolhimento, que de fato o Outro seja hospedado enquanto outro, com seu discurso, seu conhecimento, tudo que de fato é e faz dele diferente, buscou-se observar as relações estabelecidas na Escola Estadual Ramiro Noronha.

Nesse diapasão, a escola, não apenas reproduz as dinâmicas da sociedade, na qual se encontra, é constituinte, mas também, pode ser capaz de catalisar, ou seja, acelerar às “reações” dessa. Logo, propõe-se nesse capítulo, apresentar exemplos de como essa escola catalisa a alteridade no contexto fronteiriço, primeiramente em seu âmago e quiçá em toda a fronteira.

Tal escola, como dito anteriormente, acolhe em sua maioria, alunos provenientes do lado paraguaio da fronteira, muitos falantes do guarani e do espanhol, cujos traços fisionômicos revelam deveras sua origem. Alunos esses que estudam, socializam, convivem, com colegas brasileiros, mas que na fisionomia e na fala revelam claramente as origens paraguaias.

Devido ao fato de a escola em questão estar em território brasileiro, ser mantida exclusivamente com recursos desse Estado, denomina-se o Mesmo o aluno brasileiro e o aluno paraguaio, como que por antonomásia, o Outro. O Mesmo e o Outro convivendo diariamente, um contato que, considerando a negação já abordada, deveria ser de negação, excludente, violento. Entretanto, a imersão nessa escola, a convivência com a comunidade escolar, a criação de laços, possibilitam contemplar verdadeiramente a epifania da alteridade, a convivência pacífica e até fraterna do

⁹ Utiliza-se aqui o conceito de catalisador proveniente da Química, entendido como uma substância que acelera uma reação química ou biológica.

Mesmo e o Outro. Embora como seja de se esperar de uma instituição de ensino, existam problemas, porém não motivados pela proveniência.

Observando principalmente os alunos do ensino médio, nota-se harmonia, acolhimento, pois apesar das dificuldades com a língua, por parte dos alunos provenientes do Paraguai, os colegas, os Mesmos, ajudam os Outros no desenvolvimento das atividades propostas pelos docentes; os trabalhos de Sala de Aula Invertida, são apoteóticos, pode-se perceber o acontecer da hospitalidade. Isso ecoa o que propõe Derrida sobre o sentido das relações entre Mesmos e Outros: “Não compreenderemos nada da hospitalidade se não entendermos o que pode querer dizer “interromper-se a si mesmo”, e a interrupção de si por si-mesmo como outro” (Derrida, 2008, p. 69).

A escola deveria atender às normativas impostas pelo Estado, que infelizmente distanciam-se sobremaneira da realidade fronteiriça por serem elaboradas pelo centro, impostas por uma lógica verticalizada, a qual Gallo (2008) denomina de Educação Maior. Mas o “chão da escola”, a educação menor, segundo o mesmo pensador, possibilita e promove o acolhimento, pavimenta a estrada para a alteridade.

O fato de não existir uma legislação específica que verse sobre e estabeleça uma escola de fronteira faz com que, da perspectiva legal, a escola na fronteira apenas esteja presente nesse lugar, nada além disso. Ultrapassando a perspectiva estatal, a condição fronteiriça impele a educação menor a adotar medidas que visem proporcionar acolhimento aos alunos fronteiriços, principalmente aos Outros.

Dentre as medidas adotadas pela educação menor ressaltam-se: a valorização da cultura e dos símbolos dos Outros, a compreensão e o apoio nas dificuldades decorrentes da língua, o enaltecimento dos aspectos positivos da realidade fronteiriça, na qual a escola está inserida (figuras 22 a 25), a promoção de um ambiente fraterno, acolhedor e de genuína integração entre os alunos. Todos esses gestos e providências ilustram o que Derrida apresenta como a “implacável lei da hospitalidade”:

O hospedeiro que recebe (*host*), aquele que acolhe o hóspede, convidado ou recebido (*guest*), o hospedeiro, que se acredita proprietário do lugar, é na verdade um hóspede recebido em sua própria casa. Ele recebe a hospitalidade que ele oferece *na* sua própria casa, ele a recebe *de* sua própria casa - que no fundo não lhe pertence. O hospedeiro como *host* é um *guest* (Derrida, 2008, p. 57).

O logo da Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha ostenta a bandeira do Paraguai e do Brasil, em uma explícita alusão tanto à localização da escola, quanto ao público que esta atende, reconhecendo assim a importância do país vizinho na composição da comunidade escolar.

Figura 22: Logo da Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha



Fonte: Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha (2022)

Figura 23: Alunas da E. E. Coronel Ramiro Noronha no desfile cívico militar de 07 de setembro de 2022



Fonte: Maior (2022)

Alunas com o banner da escola, cuja frase representa o direito ao acesso universal à educação, independentemente da nacionalidade, situação que corrobora a tentativa, exposta no capítulo 2, de categorizar essa fronteira como um lugar em particular, reforçando a ideia do surgimento de uma identidade fronteiriça.

Figura 24: Alunos da E.E. Ramiro Noronha portando a bandeira da República do Paraguai no desfile cívico-militar de 07 de setembro de 2022



Fonte: Maior (2022)

A presença da bandeira da República do Paraguai, símbolo nacional do país vizinho, no desfile cívico-militar do 7 de setembro, alude à coexistência de ambas as cidades fronteiriças, valorização da nacionalidade, da identidade dos alunos paraguaios que fazem parte da comunidade escolar, isso num momento em que está se performando a nacionalidade brasileira.

Figura 25: Estacionamento das motos dos alunos dentro das dependências da escola



Fonte: Maior (2023)

Exemplo genuíno da educação menor, pois se for considerado apenas a perspectiva da legislação de trânsito brasileira, como se pode aceitar alunos, que têm menos de 18 anos, não possuem habilitação, conduzirem um veículo automotor? Porém a escola, considerando o contexto no qual está inserida, o público que atende e suas vicissitudes, acolhe e hospeda tal realidade.

Resumindo, para muito além da expectativa estritamente institucional, a educação menor busca acolher seu alunado, por mais diversos que sejam, não apenas atender às normativas vigentes. Quanto à realidade fronteiriça, percebe-se que a escola acaba também por extrapolar as diretrizes do Estado, principalmente no tocante ao acolhimento dos alunos paraguaios e tudo que isso implica na prática cotidiana. Destarte pode-se pensar em uma fronteira maior e consequentemente uma fronteira menor?

Na tentativa de perscrutar, fidedignamente, o recorte empírico da E.E. Ramiro Noronha, através de diferentes perspectivas, optou-se em realizar três entrevistas, um professor desempenhando a função de coordenador pedagógico; um aluno residente no Paraguai, que sabidamente é paraguaio; e um aluno brasileiro, cujos laços familiares mais próximos sejam de brasileiros. Tais entrevistas, realizadas no mês de

junho de 2023, tiveram como objetivo específico, verificar se de fato a escola em questão, funciona como um catalizador da alteridade, consciente das especificidades fronteiriças, ou é apenas uma escola situada próximo à linha internacional.

Visando verificar tais aspectos, entrevistou-se um professor, de 53 anos, natural de Santana do Livramento - RS, fronteira com o Uruguai, que reside em Ponta Porã – MS há 25 anos e em todo esse período atua na educação básica pública pela Rede Estadual de Educação. Seguem os trechos da entrevista que colaboram com essa investigação.

- O Sr. é falante de guarani e espanhol? *“Guarani não, embora tenha tentado, porém falo, entendo e escrevo bem em espanhol.”*

- Existem escolas de fronteira? *“Não, o que existem são escolas, em Ponta Porã, próximas à linha internacional, algo que não existe em Sant’ana do Livramento”.*

- Como o sr. vê o fato de escolas brasileiras, mantidas com recursos do Estado atenderem alunos que sabidamente são paraguaios? *“A educação não tem fronteiras”.*

- Por que jovens em idade escolar residentes no Paraguai vêm estudar no Brasil? *“Devido às melhores condições”.*

- Como a escola promove o acolhimento desses alunos? *“Acolhe materialmente, com material escolar, alimentação, transporte (alguns alunos que moram no Paraguai, atravessam para o lado do Brasil para utilizar o transporte escolar). A escola Ramiro Noronha tem tradição em receber alunos provenientes do Paraguai, o preconceito tem diminuído muito com o tempo e nunca ouvi aluno algum reclamar que o professor foi preconceituoso”.*

Segue a transcrição da entrevista com o aluno natural de Ponta Porã, 17 anos de idade, do segundo ano do ensino médio, filho de brasileiros.

- Você gosta de morar em Ponta Porã? *“Gosto, meus familiares são daqui, gosto da dinâmica de idiomas diferentes, é bom poder comprar as coisas mais baratas no Paraguai”.*

- Como é estudar com colegas do Paraguai? *“É legal, posso aprender palavras de outro idioma, gosto de poder ajudar meus colegas que tem dificuldade com o idioma (língua portuguesa)”*.

- Você fala o guarani? *“Não, sei apenas algumas palavras”*.

- Você tem parentes que falam o guarani? *“Sim, são brasileiros e sabem guarani”*.

- Você tem amigos paraguaios, se sim, vai na casa deles? *“Sim, tenho e vou na casa deles”*.

- O que você entende por fronteira? *“Uma oportunidade de enxergar o que é bom e ruim das duas nações”*.

- Você acha que os alunos que são do Paraguai sofrem preconceito na escola, por serem de lá? *“Não, pois grande parte dos meus colegas são paraguaios, não faz sentido isolar eles”*.

Entrevista com o aluno, natural de... (dúvida entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero), 18 anos de idade, do segundo ano do ensino médio, filho de paraguaios.

- Você mora em Ponta Porã ou Pedro Juan Caballero? *“Moro em Pedro Juan”*.

- Você gosta de morar lá ou gostaria de morar em Ponta Porã? *“Gosto de morar lá, estou acostumado, acho que não me acostumaria aqui”*.

- Por que você estuda no Brasil ao invés do Paraguai? *“Minha mãe que decidiu, ela acha que terei mais futuro aqui, a educação do Brasil é melhor”*.

- Desde quando você estuda no Brasil? *“desde o segundo aninho, do fundamental”*.

- Você se sente acolhido na escola do Brasil? *“Sim, tive dificuldades com a escrita no começo, tinha um pouco de dificuldade com a língua portuguesa, os professores me ajudaram a me adaptar, superar as dificuldades”*.

- Você tem amigos brasileiros, se sim vai na casa deles? *“Tenho amigos brasileiros, nos reunimos no parque (dos ervaís), no cinema, já fui na casa de um amigo também”.*

- O que você entende por fronteira? *“Um país que está perto do outro, que compartilha cultura, comidas. Em Pedro Juan, as pessoas entendem o português, mas em Ponta Porã, não compreendem o guarani, apenas um pouco de espanhol”.*

As entrevistas corroboraram com o entendimento da escola funcionar como um catalisador da alteridade; evidenciaram também o fato da importância do idioma na tentativa de fomentar a alteridade na fronteira. Apesar de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero serem consideradas cidades gêmeas, percebe-se, em uma das falas, suas particularidades, que fazem com que o sujeito se identifique e seja parte do lugar.

Seguindo a esteira de Nunes (2019) em que “os olhos do sonhador não se dividem por muros, não enxergam cercas”, a comunidade da Escola Estadual Coronel Ramiro Noronha, de fato, explicita essa máxima de modo concreto, no cotidiano, através de um ambiente hospitaleiro, que acolhe verdadeiramente seu alunado.

Contemplar o contexto fronteiriço, implica necessariamente como que uma observação da própria ideia de contradição, logo, é imperativo aprimorar o olhar, no intuito de que não deixe a brisa leve, quase imperceptível, da epifania da alteridade passar despercebida, ou seja, ver apenas o trágico, de forma totalizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o percurso percorrido ao longo dessas linhas, pode-se compreender o quão cinemático é o cotidiano fronteiriço e as implicações práticas disso. Para aqueles que quiserem se debruçar sobre tal realidade, tanto pelo interesse científico, quanto pelo fato de estarem imersos na fronteira, como também agentes públicos que queiram pensar políticas para a realidade fronteiriça, podem servir-se dessas reflexões.

A investigação intentou percorrer os confins do tempo e do espaço, na tentativa de melhor compreender o fenômeno fronteiriço que se manifesta na contemporaneidade, sendo possível perceber, pela perspectiva da temporalidade originária, a influência dos acontecimentos de outrora na cotidianidade fronteiriça, no lugar e nas pessoas.

Mesmo com as problemáticas apontadas ao longo dessa verdadeira navegação, pôde-se notar, o processo que plasmou esse lugar, desde Punta Porã até Pedro Juan Caballero e Ponta Porã, como uma mãe que dá luz a gêmeos, aqui cidades gêmeas. Tal plasmar possibilitou o surgimento de uma identidade singular e coletiva, o ser fronteiriço.

Percebeu-se também a relação das múltiplas características do lugar com a identidade plasmada, os elementos físicos, climáticos, geográficos de modo geral, históricos e étnicos, favoreceram e enriqueceram ontologicamente o ser aqui auscultado.

Apesar da escassez de exemplos de alteridade do cotidiano da fronteira, comparados à vastidão de casos e relatos de negação do Outro pelo Mesmo, a escola propicia a esperança, de um idealismo, embora utópico, mas que proporciona um ânimo genuinamente humano, à espera de uma fronteira que realmente integre ao invés de segregar.

Os relatos das entrevistas e as imagens apresentadas corroboram com a perspectiva da importância *sine qua non* da educação para a fertilização do solo da alteridade, o chão da escola é a terra santa cultivada pelos alunos e professores que

convivem, estudam, colaboram uns com os outros, buscando aprender o conhecimento, o discurso do Outro, na tentativa de construir uma realidade fraterna.

Quanto à perspectiva rizomática, como que lança as bases para uma profícua investigação, que possibilite perceber a alteridade apesar das negações, cotidianas, enxergar nas contradições a epifania da alteridade, mesmo quando a negação salta aos olhos, como que de maneira totalizante.

Em suma, a cinemática fronteira é assombrosa, causa espanto, estupefação, mostra o humano nu, intentando, como que às apalpadelas se aprimorar, construir um mundo melhor, mesmo que por muitas vezes errando, mas dificilmente desistindo de tentar, apesar das contradições, buscando o encontro com o Outro, libertando-se, no tempo próprio do humano, dos preconceitos, permitindo-se acolher, hospedar o Outro em seu próprio ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

ALBUQUERQUE, José L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ANASTÁCIO, Luci Meire Corrêa. **Fronteira e educação pública: o programa escolas interculturais de fronteira (PEIF) em Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY)**. Campo Grande, MS: UEMS, 2018. (Mestrado).

ANISHCHENKO, A. G.; SERGUNIN, A. A. Twin cities: a new form of cross-border cooperation in the Baltic Sea Region? *Baltic Region*, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 19-25, mar. 2012. DOI: [10.5922/2079-8555-2012-1-3](https://doi.org/10.5922/2079-8555-2012-1-3).

BALCONISTAS. Uma loja de autopeças na fronteira fechada entre Paraguai e Brasil. Balconistas, [2020?]. Disponível em: <https://balconistas.com/uma-loja-de-autopecas-na-fronteira-fechada-entre-paraguai-e-brasil/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Babel: entre a incerteza e a esperança**. Tradução Renato Aguiar. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BENÍTEZ, Apolonio Jiménez, **Mosaico Nordestino**. Editora Litocolor SRL. Pedro Juan Caballero, 2008.

BENÍTEZ, Sacha Aníbal Cardona: A la sombra de los perobales. 2. ed. Paraguay: Imprenta Salesiana, 2019.

BRASIL. Decreto n. 4.910, de 27 de março de 1872. Publicação original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-4910-27-marco-1872-550977-publicacaooriginal-67046-pe.html>. Acesso em: 02 ago. 2025.

BRASIL. Decreto-lei n. 5.812, de 11 de setembro de 1943. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De15812.htm. Acesso em: 02 ago. 2025.

CAMPO GRANDE NEWS. Enquanto Brasil afrouxa medidas, Paraguai isola fronteira com arame farpado. Campo Grande News, Campo Grande, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/interior/enquanto-brasil-afrouxa-medidas-paraguai-isola-fronteira-com-arame-farpado>. Acesso em: 12 ago. 2025.

DELEUZE, Gilles, Félix Guattari. **Mil platôs, capitalismo e esquizofrenia vol. 1**. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução Fábio Landa com a colaboração de Eva Landa. São Paulo: Perspectiva, 2008.

DUSSEL, E. **Filosofia da libertação**. São Paulo: Loyola, 1977.

FAISTING, A.L. Representações da Violência na Fronteira: um estudo a partir das regiões da Grande Dourados (MS) e do Oeste Paranaense (PR). In.: **Revisa de Ciências Sociais**. Fortaleza: UFC. v. 49 n. 3_Nov/Fev (2018). p.131-174

FONPLATA – Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata. *Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira na Cidade de Ponta Porã – Fronteira do Futuro*. Disponível em: <https://www.fonplata.org/pt/projetos/programa-de-desenvolvimento-da-faixa-de-fronteira-na-cidade-de-ponta-pora-fronteira-do-futuro>. Acesso em: 6 jun. 2025.

G1. Arame será colocado em toda a linha internacional entre Pedro Juan e Ponta Porã, avisa ministro paraguaio. G1, Mato Grosso do Sul, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/03/27/aramesera-olocado-em-toda-a-linha-internacional-entre-pedro-juan-e-ponta-pora-avisa-ministro-paraguaio.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2025.

GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. **Coleção Pensadores & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOIRIS, Fabio Anibal Jara. Descubriendo la Frontera: historia, sociedad y política em Pedro Juan Caballero. Pedro Juan Caballero: Ipag, 1999.

GONÇALVES, Carlos Barros. **Tereré: Patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul**. 1a ed. Cacoal: Karywa, 2023.

HOLLMAN, Verónica; NUNES, Flaviana G. Fronteiras e nação: (in)tens(ç)ões em imagens artísticas. **Revista Cardinalis**, Año 7, N° 13, 2do. Semestre 2019. p. 32-59.

LA NACION (PY). Pena defendió medidas de Paraguay ante el espionaje de Brasil. La Nación (PY), Assunção, 4 abr. 2025. Disponível em: <https://www.lanacion.com.py/politica/2025/04/04/pena-defendio-medidas-de-paraguay-ante-el-espionaje-de-brasil/>. Acesso em: 1 ago. 2025.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, Ltda, 1980.

MALDONADO, F. D.; SESTINI, M. F.; VALLES, G. F.; DOS SANTOS, C. P. F. **Deteccção de mudanças com técnica de Rotação Radiométrica – RCEN, inovações para uma abordagem prática usando SPRING**. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO**, 18., 2008, Natal. Sociedade Brasileira de Sensoriamento Remoto, 2008. p. 1433-1440.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MISSIO, Fabrício Jose; BALBUENA, Natalia Bogado; PALMA, Rogério da. **Redes sociais, imigração e cultura: árabes e descendentes na economia da fronteira Ponta Porã (BR)/Pedro Juan Caballero (PY)**. *Redes (St. Cruz Sul, Online)*, v. 26, p. 1-23, 2021.

OLIVEIRA, Tito C. M. de (Org.). **Território sem limites — estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed.UFMS, 2005.

OVIEDO, Norma; VIEIRA, Alexandre Bergamin; SILVA, Kamila Madureira da; CAVALCANTE, Bruno Rogério Silva (Org.). **Entre espaços de fronteiras**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 463 p.

RAFFESTIN, Claude. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito C. M. de (Org.). **Território sem limites – estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: Ed.UFMS, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira**.

SILVA, M. L. S.; MORAIS, M. de J. **Os sentidos da fronteira a partir da discussão territorial em Claude Raffestin**. *Revista Geográfica de América Central, Costa Rica*, n. esp. EGAL, 2º sem. 2011, p. 1-15.

Silveira, C.V. BENEFICIO ECONÓMICO DE LA LAGUNA PUNTA PORÃ EN PEDRO JUAN CABALLERO, PARAGUAY. Disponível em: <<https://www.conacyt.gov.py/sites/default/files/TES-BN-023.pdf>>

SOUZA, Jonas Ariel Cantaluppi De. **“No soy de aquí, ni de allí. Yo soy!”: Identidade territorial na fronteira entre Pedro Juan Caballero – Paraguai e Ponta Porã – Brasil**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados: UFGD, 2018.

TORRECILHA, Maria L. A gestão compartilhada como espaço de integração na fronteira: Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai). Tese (Doutorado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia. São Paulo/SP, 2013.

PONTA PORÃ NEWS. Cidade gêmea de Ponta Porã, Pedro Juan Caballero completa 122 anos nesta quarta. **Ponta Porã News**, 2024. Disponível em: <https://www.pontaporanews.com.br/cotidiano/cidade-gemera-de-ponta-pora->

[pedro-juan-caballero-completa-122-anos-nesta-quarta/231519/](#). Acesso em: 17 jun. 2024.

VIEIRA, Alexandre Bergamin; CARNEIRO, Camilo Pereira; SILVA, Kamila Madureira da (Org.). **Geografia das Fronteiras do Brasil: temas contemporâneos**. Campo Grande, MS: Life Editora, 2024. 336 p.

WAGNER, Carlos. **BRASIGUAÍOS: Homens Sem Pátria**. Petrópolis: Vozes, 1990.

APÊNDICE I



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal da Grande Dourados
Faculdade de Ciências Humanas



Questionário

Fronteira: Pedro Juan Caballero – PY () / Ponta Porã – BR ()

1. Informe pontos positivos e negativos de morar aqui na fronteira:

2. Você tem parentes ou amigos do outro lado da fronteira?

() SIM () NÃO

3. Você acha que há mais conflitos/disputas ou amizades/integração entre os moradores?

4. Você se identifica apenas como brasileiro ou paraguaio? Ou Você se identifica como morador da fronteira?

() PARAGAUIO () BRASILEIRO () FRONTEIRIÇO

5. Você se sente confortável/tranquilo quando está no outro país?

6. o que você pensa do morador do outro país?

APÊNDICE II

Relação do grau de instrução dos entrevistados

Entrevistado	Escolaridade
Aluno (Ponta Porã / Pedro Juan Caballero)	Ensino Médio Incompleto
Aluno (Ponta Porã)	Ensino Médio Incompleto
Antônio	Ensino Médio Completo
Celina	Ensino Médio Completo
José	Ensino Superior Incompleto
Jusilene	Ensino Médio Completo
Professor	Mestrado Completo
Vereador	Ensino Superior Completo